

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

MITIKO MAGALHÃES MOTOSHIMA

**CRENÇAS E AÇÕES DOS ALUNOS FORMANDOS SOBRE A DISCIPLINA
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA JAPONESA 2 E A
EXPECTATIVA FUTURA PROFISSIONAL.**

BRASÍLIA
2017

MITIKO MAGALHÃES MOTOSHIMA

**CRENÇAS E AÇÕES DOS ALUNOS FORMANDOS SOBRE A DISCIPLINA
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA JAPONESA 2 E A
EXPECTATIVA FUTURA PROFISSIONAL.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Letras, pelo Curso
de Letras: Língua e Literatura Japonesa da
Universidade de Brasília

Orientador: Prof. Dr. Yuki Mukai

Brasília
2017

MITIKO MAGALHÃES MOTOSHIMA

**CRENÇAS E AÇÕES DOS ALUNOS FORMANDOS SOBRE A DISCIPLINA
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA JAPONESA 2 E A
EXPECTATIVA FUTURA PROFISSIONAL.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em Letras, pelo curso de
Letras: Língua e Literatura Japonesa da
Universidade de Brasília.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Yuki Mukai – Universidade de Brasília (UnB)

Examinadora: Profa. Dra. Kyoko Sekino – Universidade de Brasília (UnB)

Examinador: Prof. Rafael Maury de Sousa e Silva – Universidade de Brasília (UnB)

“Homens realmente grandes, não nascem grandes, tornam-se grandes”.
(Don Corleone)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à uma força superior que em todo o processo de minha formação, me conduziu ao caminho do êxito com desejo de crescimento pessoal e força para lutar por um ensino de língua japonesa acessível e com ótimos professores no mercado de trabalho. Daí veio a inspiração para o tema desta pesquisa.

Aos meus pais Molio e Emília, por me apoiarem durante essa trajetória, algumas vezes descrentes com a escolha do curso, mas sempre me motivando a concluí-lo.

Ao meu orientador Yuki Mukai, por me guiar com sabedoria e motivação durante este trabalho e por ser uma pessoa maravilhosa, sempre bem disposto e alegre.

A todos os professores do curso que me deram aula e transmitiram com empenho e sensibilidade o conhecimento sobre a língua, literatura e cultura japonesa. Em especial para Tae Suzuki, uma mulher inspiradora e professora exemplar, Michele Eduarda B. de Sá por todas as palavras de carinho e conselhos em momentos difíceis, Yuko Takano, por ser uma fonte de inspiração e por todo apoio e carinho neste último semestre e Saori Nishihata, por acreditar no potencial de seus alunos e insistir em cada um deles, de maneira singular e carismática.

Ao professor Valdeilton Lopes (Tama) por ter compartilhado comigo momentos de alegria e percepções sobre o ensino que me fizeram refletir e buscar me aperfeiçoar. Pela paciência e atenção que foram essenciais em alguns momentos.

A todos meus familiares e amigos, pela alegria em me acompanhar durante essa jornada. Aos meus colegas de Estágio Supervisionado em Japonês 02, Filipe Reis e Naiara Martins, por serem meus companheiros, amigos confidenciais e por dividirem essa experiência inesquecível com animação e maturidade.

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada em uma turma de estudantes de língua japonesa que cursam Letras-Japonês e atuam como professores na disciplina Estágio Supervisionado em Japonês 02, em uma universidade pública do Distrito Federal. Os objetivos desta pesquisa foram a identificação das crenças e das ações destes participantes em relação a esta disciplina como professor em formação e suas expectativas futuras profissionais. Para isto, nos baseamos nos seguintes autores que tem pesquisas relacionadas às crenças: Barcelos (2001, 2004, 2006, 2007, 2011), Feijó (2010), Mukai e Conceição (2012), Mukai (2014, 2016), Vieira-Abrahão (2004, 2006) e relacionadas às expectativas: Figueiredo e Sabota (2016) e Santos (2004). Esta pesquisa foi conduzida pelo método qualitativo, apresenta natureza descritiva e interpretativista e é caracterizada como estudo de caso. Primeiro foi aplicado um questionário semiaberto, em seguida, análise do resultado dos questionários, delimitamos nosso grupo focal e passamos a entrevista semiestruturada. Em seguida, foram feitas as observações de aula com notas de campo e as análises documentais para a triangulação dos resultados. Os resultados sugerem que as ações dos participantes (no papel de professor), tais como sua postura em sala de aula e relação com os estudantes são influenciadas por suas crenças de como o professor deve se portar em sala de aula, e também sobre a importância de saber lecionar, além de ter competência linguística para dar aula. Identificamos as expectativas dos participantes e o quanto a disciplina ESJ2 influenciou na perspectiva de se tornar professor de língua japonesa.

Palavras-chave: Estágio supervisionado em língua japonesa. Professores em formação. Crenças. Ações. Expectativa futura profissional.

ABSTRAT

This research was developed with a group of trainee students preparing to become teachers of Japanese at the Japanese internship course in a public university in Brasília - DF. The main purpose of this research was to identify the beliefs and the behaviors that correlate with their expectations about the future as teachers of Japanese. In addition, in order to reach that goal we started our research with the reading of withers such as Barcelos (2001, 2004, 2006, 2007, 2011), Feijó (2010), Mukai & Conception (2012), Mukai (2014, 2016) -Abraham (2004, 2006). Finnaly Figueiredo & Sabota (2016) and Santos (2004) for researches related to students expectation. This research was conducted through the qualitative method, the data was observed with a descriptive and interpretativist approach, and is considered as a case study. The first part of the data analysis was the application of the semi open questionnaire next we delimited our research group and proceeded to a semi-structured interview. In the end we observed classes for the students for the researched group and started to the data triangulation. The analyzed data suggests the behaviors related to their beliefs related to the expectation as a teacher, their relationship with students and the need of learning as a teacher and trough the language. Finally we analyzed their expectations across the course and how this can be related to their expectations about the future.

Keywords: Japanese intership course, teachers in development, beliefs, future professional expectations.

LISTA DE SIGLAS

LE: Língua Estrangeira
LJ: Letras-Japonês
JLE : Japonês como Língua Estrangeira
ES: Estágio Supervisionado
ESJ1: Estágio Supervisionado 1
ESJ2: Estágio Supervisionado 2
L1: Primeira Língua
L2: Segunda Língua
ES: Entrevista semiestruturada
QS: Questionário Semiaberto

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Contextualização, Justificativa e Problemática.....	1
1.2 Objetivo geral	2
1.2.1 Objetivos específicos	2
1.3 Perguntas de pesquisa.....	2
1.4 Organização do trabalho	2
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	4
2.1 Ensino de Língua Japonesa no Brasil.....	4
2.2 Conceito de crenças.....	5
2.3 Crenças no ensino de línguas estrangeiras.....	9
2.4 Crenças no Ensino-Aprendizagem de Japonês no Brasil	10
2.5 Relação entre crenças e ações.....	11
2.6 Expectativa Profissional	12
3 METODOLOGIA	14
3.1. Metodologia e natureza da pesquisa.....	14
3.2. Contexto de pesquisa.....	15
3.2.1 O curso de Letras-Japonês	15
3.3 Participantes	17
3.4 Instrumentos de coleta de dados	18
3.4.1 Questionário semiaberto.....	18
3.4.2 Entrevista individual semiestruturada	19
3.4.3 Observações de aulas com notas de campo	19
3.4.4 Análises documental.....	22
3.5 Procedimentos para a coleta de dados.....	22
3.6 Procedimentos para análise dos dados	23
3.7 Considerações éticas.....	23

4 RESULTADOS	24
4.1 Crenças sobre o conhecimento da língua e da metodologia de ensino para a formação dos professores.....	24
4.2 Crenças sobre a natureza do professor e a relação entre professor e aluno.	25
4.3 Ações.....	26
Observações de aula Harumi*	26
Observações de aula Bonten.....	27
Observações de aula Maru	27
Análise documental (relatório) Haruhi	27
4.4 Expectativas	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
5.1 RETOMANDO OS OBJETIVOS DE PESQUISA	Erro! Indicador não definido.
5.2 RETOMANDO AS PERGUNTAS DE PESQUISA	31
5.1 CONTRIBUIÇÕES DE ESTUDO	32
5.2 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	33
5.3 SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS	33
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
APÊNDICE A	36
APÊNDICE B	37
APÊNDICE C	40
ANEXO I	41
ANEXO II	51
ANEXO III.....	63

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização, Justificativa e Problematização.

O curso de Letras com habilitação em japonês de uma universidade pública do Distrito Federal, onde foi realizada a presente pesquisa, tem por objetivo a formação de professores e a inserção de estudantes capacitados a lecionar a língua japonesa no mercado de trabalho, ou seja, o curso é licenciatura em língua japonesa. Assim, para alunos desse curso, o primeiro contato com a experiência docente é através da disciplina Estágio Supervisionado em Japonês 2 (doravante ESJ2)¹ que lhes proporciona a prática de sala de aula sob a supervisão do professor.

Embora o curso seja licenciatura, até hoje não foram tratadas de forma científica as crenças e ações dos alunos de ESJ2 a respeito da mesma matéria e nem suas expectativas no que se refere ao futuro profissional. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo principal identificar as crenças e ações dos estudantes (tratados posteriormente como estagiários) da disciplina ESJ2 e suas expectativas quanto ao futuro profissional.

Ainda, convém lembrar que as pesquisas sobre crenças de aprendizes-professores de LE estão em sua maioria voltada para língua inglesa (BARCELOS, 2006, p.60 apud MUKAI, 2014, p.393), e apesar do crescimento e produção extensa ainda é escasso pesquisas mais específicas em outras ramificações deste campo e carece de trabalhos com professores e alunos de outras LEs (BARCELOS, 2004). Assim, a motivação para esta pesquisa é a carência em pesquisas sobre crenças na área de estudos japoneses como LE em comparação com os demais idiomas, no contexto brasileiro.

Objetivos da pesquisa

A pesquisa envolve além do objetivo geral, os objetivos específicos, que são:

¹ Pode ser encontrado em:

https://matriculaweb.unb.br/graduacao/oferta_dados.aspx?cod=147621&campus=1

1.2 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é investigar as crenças e ações dos estudantes que cursam a disciplina ESJ2 e a expectativa futura profissional.

1.2.1 Objetivos específicos

- a) Identificar as crenças dos participantes como professor em formação na disciplina ESJ2;
- b) Identificar as ações dos participantes como professor em formação na disciplina ESJ2;
- c) Investigar as expectativas futuras profissionais dos participantes.

1.3 Perguntas de pesquisa

Em seguida, apresentamos as perguntas que estão ligadas diretamente aos objetivos deste trabalho e que norteiam a pesquisa:

- a) Quais são as crenças dos participantes sobre a disciplina ESJ2 como professor em formação?
- b) Quais são as ações dos participantes sobre a disciplina ESJ2 como professor em formação?
- c) Quais são as expectativas futuras após a conclusão do curso registradas no decorrer da disciplina?

1.4 Organização do trabalho

O presente capítulo descreve a apresentação do estudo, colocando em relevo as justificativas, os objetivos e as perguntas de pesquisa. No segundo capítulo, fazemos uma revisão teórica sobre o ensino de língua japonesa no Brasil e os estudos de crenças, ações e expectativas no que se refere ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Já no

terceiro capítulo, apresentamos a metodologia de pesquisa, focando na pesquisa qualitativa de caráter interpretativista, configurada como estudo de caso coletivo (STAKE, 1994). No quarto capítulo, discutimos os dados coletados e por fim, no quinto capítulo, apresentamos as considerações finais, limitações de estudo, bem como sugestões para futuras pesquisas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Ensino de Língua Japonesa no Brasil

Ao aportar em terras tupi-guarani em 1908, os japoneses vieram para substituir a mão de obra escrava nos cafezais (MORALES, 2008, p.17). Embora grande parte dos japoneses que desembarcaram fossem alfabetizados, cerca de 89,9%², apenas um pouco mais de uma década depois, começaram a surgir as “colônias” de japoneses que em primeiro lugar, priorizaram a educação de seus filhos através da língua e costumes japoneses, criação das escolas comunitárias japonesas (DEMARTINI, 2008, p.45). Morales (2008) divide as fases do ensino da Língua Japonesa no Brasil nas bases históricas em: pré-guerra e pós-guerra conforme a forma como a língua é ensinada mudou por influência da Segunda Guerra Mundial. No pré-guerra, a língua japonesa era estudada apenas por descendentes “*nikkeis*” como língua materna, ou L1 (Primeira Língua) e a língua portuguesa era a língua estrangeira deles, a Segunda Língua, ou L2. Os japoneses começaram a sentir a opressão do governo brasileiro durante a Era Vargas, que tinha a proposta nacionalista e confrontava com os ideais japoneses de manter os costumes e língua de sua pátria. Com o avançar da Segunda Guerra Mundial e o apoio do Brasil ao lado dos Aliados (oposto ao Japão, Alemanha e Itália), os imigrantes japoneses sentiram a inimizade e os conflitos com o governo brasileiro aumentarem e atrapalharem o ensino da língua:

A proibição do ensino da língua e da circulação de jornais e revistas em japonês tirou a possibilidade dos imigrantes japoneses monolíngues de obter informações, até mesmo das notícias do Brasil, já que para eles tal material em japonês era o único meio disponível para informar-se. Para trânsito fora de sua área residencial, exigia-se o salvo-conduto, sem falar de medidas francamente punitivas, como a prisão de professores e líderes comunitários, abuso de autoridades brasileiras para extorsão [...] (MORALES, 2008, p.37)

Com a queda do governo Vargas as escolas comunitárias japonesas voltaram a funcionar e a imigração de japoneses para o Brasil também continuou. O fim da Guerra

² Levantamento feito pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo sobre os imigrantes que desembarcaram no Porto de Santos entre 1908 e 1932. O percentual de japoneses com idade superior a 12 anos não-analfabetos era de 89,9%, enquanto os imigrantes italianos eram de 71,36%, entre os imigrantes portugueses, 51,7%, entre os imigrantes espanhóis era de 46,3% e entre os imigrantes alemães, 91,1% (DEMARTINI, 2008, p.44-45).

provocou uma divisão entre os japoneses, pois parte deles não acreditavam que o Japão havia perdido a guerra e por este motivo, os pais “vitoriosos” não deixavam os seus filhos brincarem ou irem a mesma escola que os filhos dos “derrotados”, daqueles pais que acreditaram que o Japão havia perdido a guerra (MORALES, 2008, p.47) Houve também o êxodo rural dos imigrantes, que buscavam estudos melhores para seus filhos em cidades maiores ou na capital; e a língua japonesa era utilizada como língua de herança entre os imigrantes e sua comunidade (MUKAI; CONCEIÇÃO 2012, p.116).

Atualmente, o ensino da língua japonesa atende vários perfis de público, tanto em instituições públicas quanto privadas, a exemplo de centros de línguas em vários estados do Brasil e centros tecnológicos. Quanto à formação de professores de língua japonesa como LE, atualmente existem oito³ universidades brasileiras em nível de graduação para especialização nesta área (MUKAI; CONCEIÇÃO, 2012, p.117). Recentemente, foi inaugurada uma escola pública bilíngue português-japonês no estado do Amazonas, com o intuito de educar os manauaras com a língua e os valores da cultura japonesa⁴.

2.2 Conceito de crenças

Segundo Barcelos (2004) não existe uma definição única para esse conceito. Existem vários termos e definições, tais como “representações dos aprendizes” (HOLEC, 1987), “filosofia de aprendizagem de língua dos aprendizes” (ABRAHAM; VANN, 1987), “conhecimento metacognitivo” (WENDEN, 1986^a), “cultura de aprender línguas” (Barcelos, 1995), entre outros, e isso dificulta a investigação na área de Linguística Aplicada, como a autora ainda afirma que:

O conceito de crenças é tão antigo quanto nossa existência, pois desde de que o homem começou a pensar, ele passou a acreditar em algo. É um conceito complexo para o qual existem várias definições e diferentes termos, não só dentro da Linguística Aplicada. (BARCELOS, 2004, 2007)

Barcelos (2001), por sua vez, afirma que as crenças podem ser definidas como opiniões e ideias que professores e alunos têm a respeito dos processos de

³ A saber: USP, 1964 (ano de implantação no curso); UFRJ, 1979; UFRGS, 1986; UNESP-Assis, 1992; UnB, 1997; UERJ, 2003; UFPR, 2008; UFAM, 2011. (MUKAI; CONCEIÇÃO, 2012, p.117).

⁴ PAIVA, Bianca. Amazonas tem a primeira escola pública bilíngue de japonês e português. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-02/amazonas-tem-primeira-escola-bilingue-de-japones-e-portugues>> . Acesso em: 02 abr. 2017.

ensino/aprendizagem de línguas. Nesse sentido, Pajares (1992, p. 313 apud MUKAI; CONCEIÇÃO, 2012, p. 119) afirma que a crença é baseada na avaliação e julgamento do indivíduo.

Na década de 1980, quando de fato as pesquisas sobre as crenças na aprendizagem de língua ganham enfoque, as investigações eram feitas através de questionários fechados (Barcelos, 2004, p.133), ou seja, eram questões afirmativas que o aprendiz apenas poderia concordar ou discordar e as variáveis destas. De acordo com Mukai e Conceição (2012) naquela época, era importante apenas identificar as crenças dos alunos sem identificar suas experiências passadas, ações e contexto social em que estavam inseridos.

No final dos anos 1990, o contexto, conceito dinâmico constituído socialmente e sustentado interativamente (GOODWIN; DURANTI, 1992, p. 5-6 apud BARCELOS, 2004), começa a ser enfatizado nas investigações sobre crenças (BARCELOS, 2004) (cf. BARCELOS 2000; BENSON; LOR, 1999; NUNAN, 2000; WHITE, 1999). Assim, as crenças passam a “ser reconhecidas como condicionadas situacionalmente (SAKUI; GAIES, 1999 apud BARCELOS 2004) e relacionais em resposta ao contexto (BENSON; LOR, 1999 apud BARCELOS 2004)”.

Mukai (2014) descreve as crenças como interativas e socialmente coconstruídas a partir das nossas experiências anteriores e presentes, sendo ininterruptamente configuradas com base na ação, interação e adaptação dos indivíduos a seus contextos específicos.

Segundo Mukai e Conceição (2012) “crer em algo é nossa atividade primordial para a construção do conhecimento e relações interpessoais”, portanto, durante o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, a crença que se tem sobre como aprender e quem está ensinando/aprendendo, influência nas ações e comportamentos dos envolvidos nesse processo.

Barcelos divide as pesquisas sobre crenças em três abordagens de investigação, de acordo com as definições de crenças e metodologias adotadas. O quadro a seguir, resume essas abordagens.

QUADRO 01 – ABORDAGENS DE INVESTIGAÇÃO DAS CRENÇAS SOBRE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Abordagem	Características	Metodologia
Normativa	Conjunto pré-determinado de afirmações. Nesta abordagem, as crenças são vistas como sinônimos de ideias preconcebidas, concepções errôneas e opiniões.	Questionário fechado, do tipo <i>Likert-scale</i> , que contém afirmações com alternativas que vão desde “eu concordo inteiramente” até “eu discordo inteiramente”.
Metacognitiva	Definem crenças como conhecimentos metacognitivos, ou seja, os aprendizes pensam sobre seu processo de aprendizagem de línguas e são capazes de articular algumas de suas crenças.	Entrevistas semiestruturadas e auto relatos.
Contextual	Nesta abordagem, as crenças são vistas como parte da cultura de aprender e como representações de aprendizagem em uma determinada sociedade. As crenças devem ser investigadas dentro do contexto de suas ações.	Observações de aula com anotações, entrevistas e estudos de caso.

(BARCELOS, 2001)

Porém, Barcelos (2001) ressalta que na prática, as distinções entre essas abordagens podem não ser percebidas. Em trabalhos mais recentes, como o de Feijó (2010), Pereira (2015) e Fukushi (2016), foi utilizada mais de uma metodologia

relacionada às três abordagens citadas acima. Segundo Barcelos (2004, p.133) a fase que vivemos parece ser de transição, talvez até de uma mudança de paradigma de como pesquisar crenças.

Como aponta Barcelos (2006), estudos recentes delineiam um perfil de diferente de natureza das crenças. Barcelos e Pajares (2003 apud BARCELOS 2006, p.3) definem essas novas perspectivas sobre crenças em **dinâmicas**, quando elas mudam através do tempo ou dentro da mesma situação e estão ligadas a algo do passado e tem apoio em informações externas (DUFVA, 2003, p. 143 apud BARCELOS, 2006, p. 3).

As crenças podem ser **emergentes, socialmente construídas e situadas contextualmente**, ou seja, elas mudam e se desenvolvem à medida que interagimos e modificamos nossas experiências e somos, ao mesmo tempo, modificados por ela (BARCELOS, 2006, p.3). Falando sobre as crenças **experienciais**, as experiências são resultado das interações entre indivíduo e ambiente, entre aprendizes e professores (BARCELOS, op.cit, p.3). Já para Hosenfeld (2003, p.39 apud BARCELOS, 2006, p.3) as crenças dos aprendizes são partes das construções e reconstruções de suas experiências.

As crenças podem ser **mediadas** ou seja, por meio delas (sendo aqui vista como instrumento) podemos tomar decisões que influenciam no processo de aprendizagem. Para Dufva (2003 apud BARCELOS, 2006, p.3) as crenças são meios de mediação usados para regular aprendizagem e a solução de problemas existentes no processo de aprendizagem de língua estrangeira. As crenças são sociais, mas também individuais e únicas, sendo assim, **paradoxais e contraditórias**, são compartilhadas emocionais, diversas, mas também uniformes (BARCELOS; KALAJA, 2003, p. 233). As crenças também podem ser **relacionadas à ação de uma maneira indireta e complexa**, ou seja, não necessariamente a ação é influenciada pela crença. Por fim, as crenças **não tão facilmente distintas do conhecimento**, segundo Woods (2003, p.226-227 apud BARCELOS, 2006, p.3) elas não se separam tão facilmente de outros aspectos como conhecimento, motivação e estratégia de aprendizagem.

O estudo sobre crenças é importante para a compreensão e resolução das dificuldades encontradas no ensino de línguas, já que, segundo Barcelos (2011) as crenças têm grande influência no comportamento das pessoas, e também interagem com outros fatores como contexto, emoções e identidades.

Desse modo, concordamos com Barcelos (2004, 2006) sobre a natureza das crenças e a importância de saber essas percepções para futuros trabalhos sobre o assunto. Harmonizamos com a autora a respeito das crenças serem definidas como opiniões e

ideias que professores e alunos têm a respeito dos processos de ensino/aprendizagem de línguas, e mais, que as crenças influenciam, mesmo que indiretamente, nas ações destes.

2.3 Crenças no ensino de línguas estrangeiras

A importância do estudo sobre as crenças no processo de ensino-aprendizagem de LE, tanto para crenças de professores quanto para as de alunos, intervém nas ações que serão tomadas por ambas as partes e no resultado deste processo. Segundo Figueiredo e Sabota (2016), a relevância sobre o estudo deste assunto, principalmente para a formação do professor de LE, justifica as escolhas e decisões tomadas pelos atuantes no processo, como as divergências entre a teoria e a prática e entre os conflitos de expectativas dos mesmos.

De acordo com Barcelos (2004), através do estudo sobre crenças no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, o enfoque passa a ser no processo de aprendizagem em vez de ser na linguagem e no produto. Esta nova visão ressalta o aprendiz como atuante do processo, e que toda sua carga histórica, social e cultural influencia em sua aprendizagem.

De acordo com Larsen-Freeman (1998), “nós passamos a perceber o aprendiz como pessoas completas com dimensões comportamentais, cognitivas, afetivas, sociais, experiências, estratégicas e políticas” (p.207). (BARCELOS, 2004, p. 126)

A partir desta colocação, nota-se que as pesquisas sobre crenças ganham proeminência a partir dos anos 1990 no Brasil, quando as primeiras pesquisas sobre as crenças dos alunos começam a ser realizadas (SILVA, 2010 apud MUKAI; CONCEIÇÃO, 2012, p.117-118) e desde 1995, o número de dissertações e teses a esse respeito têm crescido progressivamente (BARCELOS, 2004).

Graças as investigações sobre crenças na década de 1990, houve um crescente interesse nessa área dentro da Linguística Aplicada no Brasil, com diversos trabalhos que, de acordo com Barcelos (2004, p.127) se preocupa em desvendar o mundo do aprendiz. São pesquisadores renomados que despertaram este tipo de pesquisa no país: Leffa (1991 apud BARCELOS, 2004, p. 128), com sua investigação das concepções de alunos prestes a iniciar a 5ª série; Almeida Filho (1993 apud BARCELOS, 2004, p.128) que em seu

trabalho definiu *cultura de aprender* como “maneiras de estudar e se preparar para o uso da língua-alvo consideradas como ‘normais’ pelo aluno, e típicas de sua região, etnia, classe social e grupo familiar, restrito em alguns casos, transmitidas como tradição, através do tempo, de uma forma naturalizada, subconsciente, e implícita; e Barcelos (1995 apud BARCELOS, 2004, p.128) que utilizou o termo *cultura de aprender* para investigar as crenças de alunos formandos em Letras.

Segundo MUKAI (2016) as crenças quanto ao ensino-aprendizagem de LE/L2 podem ser divididas em: (1) crenças dos estudantes de LE/L2; (2) crença dos professores de LE/L2; (3) crenças dos coordenadores e diretores escolares e (4) crença dos pais dos alunos. Segundo Pajares (1992, 1993 apud FIGUEIREDO; SABOTA, 2016) as crenças podem ser modificadas caso o indivíduo julgue conveniente ou necessário. Por este motivo, as crenças dos indivíduos citados acima, podem ser mudadas ou reforçadas dependendo de sua reflexão.

Em relação a crenças dos estudantes quanto à sua formação profissional, Figueiredo e Sabota (2016) afirmam que nossas crenças podem ter repercussão em nosso desempenho profissional e em nossa identidade como professores de línguas (BARCELOS, 2007b apud FIGUEIREDO; SABOTA, 2016).

2.4 Crenças no Ensino-Aprendizagem de Japonês no Brasil

De acordo com Mukai (2016) as primeiras pesquisas sobre crenças da área do curso de japonês foram apresentadas em 2010, por este motivo considera-se que a área ainda engatinha neste ramo, ao contrário das pesquisas nesta mesma área na língua inglesa.

Mukai (2016) traz em seu artigo sobre crenças no ensino-aprendizagem de japonês no Brasil um amplo número de estudos sobre este tema, dividindo em seis categorias de análises⁵ onde existem estudos referentes à Universidade de Brasília e Universidade de São Paulo. Nota-se que entre as instituições que têm o ensino da língua japonesa como nível de graduação, apenas estas duas têm trabalhos publicados sobre crenças no processo de ensino-aprendizagem de língua japonesa.

⁵ Mukai divide as categorias de análises em: 1) Modalidade de publicação, 2) Autores/ Ano/ Instituição, 3) Foco da pesquisa, 4) Participantes da pesquisa, 5) Método/ Natureza de pesquisa e 6) Instrumento de coleta de dados.

A maioria dos casos apresentados no artigo citado, são de natureza qualitativa, estudos de caso “interpretativo” (MUKAI, 2016, p.178) e que a maioria dos trabalhos usou mais de três tipos diferentes de instrumentos para a coleta de dados, ressaltando que até hoje não foi usada nenhuma abordagem quantitativa nos estudos sobre crença no ensino-aprendizagem de japonês no Brasil.

2.5 Relação entre crenças e ações

Como foi mencionado na introdução, este trabalho tem como objetivo identificar e analisar a relação entre as crenças e ações dos alunos que cursam a disciplina ESJ2. Barcelos (2001) afirma que a importância das crenças sobre aprendizagem tem sido relacionada principalmente com sua influência na abordagem de aprender dos alunos e no ensino autônomo. A autora também afirma que uma das características mais importantes das crenças refere-se a sua influência na abordagem de aprender dos alunos e no ensino autônomo (2001, p.72) e no comportamento das pessoas, em como elas organizam suas ideias e tarefas (p.73).

Barcelos (2006) discute três tipos de relações entre as crenças e ações. A primeira relação é a de **causa e efeito**, onde as crenças exercem influência direta nas ações. A segunda relação é **interativa**, onde as crenças influenciam as ações e vice-versa, sendo uma mudança recíproca. A terceira é a relação **hermenêutica**, onde as crenças e ações podem ser divergentes, principalmente devido a fatores contextuais.

De acordo com Mukai e Conceição (2012) para que possamos compreender as crenças dos alunos de LE, faz-se necessário investigar suas ações concernentes à aprendizagem dentro de um determinado contexto.

Barcelos (2006, p.29) afirma que as crenças, necessidades e expectativas do aluno parecem ser um dos fatores que mais afetam a prática do professor e suas crenças, e talvez, a mudança em ambas. Essa declaração está envolvida exatamente com o que pesquisamos neste trabalho, a investigação entre a relação das crenças dos estagiários e suas ações.

Acreditamos que as relações descritas por Barcelos (2006) estão presentes nas crenças e ações dos participantes desta pesquisa, e em alguns momentos uma relação prevalece sobre a outra.

2.6 Expectativa Profissional

É importante citar sobre o termo expectativa para contextualização do problema, afinal:

A análise das crenças e expectativas de professores e alunos é relevante para o entendimento do contexto em que a interação ocorre e para que haja uma adequação de objetivos. (LIMA, 2005 apud FIGUEIREDO; SABOTA, 2016)

Segundo Figueiredo e Sabota (2016) as expectativas são desenvolvidas antes da experiência com um determinado processo, contexto ou papel a ser desempenhado e são embasadas por nosso conhecimento prévio sobre o tema. Para Santos (2004), as expectativas são representações sociais, crenças partilhadas adotadas por um grupo de pessoas e empregadas para explicar a experiência social.

A escolha de um curso superior é importante na vida de uma pessoa e portanto, cercada de expectativas. Essa escolha pode ser uma porta de entrada para a carreira acadêmica da pessoa e sua vida profissional.

Antes mesmo do indivíduo estar na condição de estudante de graduação, matriculado em uma universidade, há um momento em que o mesmo necessita escolher o curso que irá frequentar e o direcionamento que dará a sua vida profissional. (SANTOS, 2004, p.7)

Santos (2004) afirma que a expectativa surge como uma antecipação conscientemente presente de um acontecimento futuro. A expectativa acompanha o processo de aprendizagem dos alunos e, segundo Barcelos, Batista e Andrade (2004 apud FIGUEIREDO; SABOTA, 2016, p.92) estão relacionadas às suas crenças e dificuldades.

Neste trabalho, portanto, busca-se identificar as crenças dos estagiários e a relação entre suas crenças e as ações praticadas em sala de aula. Assim como a identificação da expectativa futura destes sobre sua profissionalização e se essa expectativa foi ao decorrer de sua prática durante a disciplina ESJ2.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo serão abordados a metodologia e a natureza da pesquisa, bem como o contexto da pesquisa, os participantes, os procedimentos para a coleta de dados e análise de dados.

3.1. Metodologia e natureza da pesquisa

Por ser uma pesquisa sobre crenças, ações e expectativas com uma turma específica de formandos, a metodologia qualitativa torna-se a mais adequada por ser de cunho interpretativista, descritivo e naturalista, fundamentada em analisar com focos específicos o que está presente durante o decorrer da observação (LARSEN-FREEMAN; LONG, 1991, p.11 apud MUKAI; CONCEIÇÃO, 2012, p.125), através de descrições. Segundo Denzin e Lincoln (2006), este tipo de pesquisa aproxima o pesquisador do objeto de pesquisa.

A abordagem empregada é a contextual, onde as crenças são inferidas de ações contextualizadas (BARCELOS, 2001), ou seja, as crenças são inferidas dentro do contexto de atuação do participante investigado (VIEIRA-ABRAHÃO, 2006, p.220).

A natureza de pesquisa é um estudo de caso, que investiga um fenômeno contemporâneo (o “caso”) em seu contexto no mundo real (YIN, 2015, p.2). Segundo Stake (1995 apud PEREIRA, 2015, p.44) o estudo de caso é o estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular, levando a entender sua atividade dentro de importantes circunstâncias.

O estudo de caso é caracterizado em três tipos, de acordo com Stake (1995 apud PEREIRA, 2015, p. 46), que são:

QUADRO 02 – TIPOS DE ESTUDO DE CASO

ESTUDO DE CASO	CARACTERÍSTICA	MÉTODOS DE COLETA DE DADOS
Intrínseco	Interesse em um caso em particular.	História de vida, observação participante, análise de documentos e entrevistas.

Instrumental	Interesse na questão que um caso particular vai ajudar a esclarecer.	Entrevista individual e coletiva, análise de documentos e observações.
Coletivo	Interesse em vários casos, com finalidade intrínseca ou instrumental.	Entrevista individual e coletiva, análise de documentos e observações.

(STAKE, 1995 apud PEREIRA, 2015, p. 46)

Desta maneira, o presente trabalho é caracterizado como um estudo de caso coletivo, pois o interesse desta pesquisa é a investigação de crenças e ações de um grupo específico de estudantes que cursam a disciplina ESJ2.

3.2. Contexto de pesquisa

O contexto desta pesquisa foi uma turma de Estágio Supervisionado de Japonês 2 do curso de licenciatura em Letras-Japonês de uma universidade pública do Distrito Federal. A seguir, faremos um breve resumo sobre o curso e sua divisão por níveis de aprendizagem.

3.2.1 O curso de Letras-Japonês

O curso de Letras-Japonês da Universidade pública do Distrito Federal investigada possui nove semestres, ou seja, são quatro anos e meio dividido em dois níveis: básico e intermediário. A fase básica do curso vai do primeiro até o quarto semestre, com aulas teóricas e práticas separadas. A fase intermediária começa a partir do quinto semestre e vai até o nono semestre e é novamente dividida em duas fases: a primeira fase vai do quinto semestre até o sétimo semestre com as aulas teóricas e práticas ligadas, e o oitavo e nono semestre com aulas de Estágio Supervisionado em Japonês 1 (ESJ1) e 2 (ESJ2), respectivamente.

A seguir, descreveremos as características das disciplinas de estágio supervisionado do curso de Letras-Japonês da universidade onde ocorreu a pesquisa:

QUADRO 03: LOCALIZAÇÃO DAS DISCIPLINAS ES⁶

Período	Disciplina	Quantidade de horas	Créditos	Objetivo
8º	ESJ1	90	6	Ampliar a formação didático-pedagógica dos licenciandos em Língua e Literatura Japonesa no contexto brasileiro. Observação do cotidiano escolar, buscando captar a realidade concreta, em sua heterogeneidade e dinamismo. Observação da prática pedagógica.
9º	ESJ2	90	6	Conhecer, analisar e realizar as práticas de ensino de Língua Japonesa no contexto brasileiro. Aplicação de métodos e técnicas para a realização do ciclo docente. Elaboração de materiais didáticos principais, complementares e suplementares para a realização da regência. Prática de regência, quando serão aplicados os conhecimentos didático-pedagógicos previamente adquiridos. Acompanhamento e Avaliação do desempenho do Estagiário.

(Quadro nosso)

Essas disciplinas obrigatórias finais do curso fazem parte da prática docente e é o primeiro contato do estudante com a realidade de sala de aula. No ESJ1 os estudantes/estagiários vão para as salas de aulas das disciplinas de língua japonesa, com aviso prévio aos professores sobre sua entrada, apenas com o objetivo de observar a prática pedagógica e ter o primeiro contato como terceira pessoa, observador, neste processo. O ESJ2, por sua vez, é o momento em que os estudantes/estagiários colocam em prática, tudo o que aprenderam e refletiram com a prática pedagógica do ESJ1 e de toda sua experiência acadêmica.

⁶ Dados disponíveis no *matrícula web* da universidade investigada.

3.3 Participantes

Os participantes desta pesquisa foram os alunos da disciplina ESJ2.

A presente pesquisa possui duas fases referentes à coleta de dados: 1) questionário semiestruturado e 2) entrevista individual.

Na primeira fase, todos os alunos da disciplina ESJ2 participaram do questionário semiestruturado. Nesta disciplina, encontram-se sete alunos, mas como a própria pesquisadora é uma das alunas da referida disciplina, seis alunos participaram desta etapa.

Como a presente pesquisa tem como objetivo investigar as crenças e ações dos estudantes de ESJ2 quanto à sua formação docente e a expectativa futura profissional, focamos a investigação no grupo exclusivo de alunos que anseiam em atuar como professores de LJ.

Em seguida, para a segunda fase da pesquisa, selecionamos quatro participantes que afirmaram gostar de dar aula durante a disciplina ESJ2 e que gostariam de seguir carreira profissional como professor de LJ. Todos os participantes da pesquisa afirmaram que estão no nível intermediário da língua, e tem a faixa etária entre 21 e 28 anos, sendo todos brasileiros. Estes alunos selecionados, responderam “sim” à questão 11 do questionário proposto e passaram a ser integrantes do grupo focal da nossa pesquisa.

QUADRO 04: APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO GRUPO FOCAL

	<i>Bonten</i>	<i>Haruhi</i>	<i>Harumi</i>	<i>Maru</i>
Sexo	M	M	F	M
Idade	25	21	26	28
Período atual	8	9	9	14
Já deu aula de LJ além da disciplina ES2	Não	Não	Não	Sim
Pretende se tornar professor de LJ	Sim	Sim	Sim	Sim

(Quadro nosso)

Apesar da expectativa de ingresso da maioria destes entrevistados serem a aprendizagem da língua, ou seja, busca da competência comunicativa, como a fluência, os estudantes pensaram na graduação como formação de professores apenas durante o processo de ensino-aprendizagem no curso.

3.4 Instrumentos de coleta de dados

Segundo Vieira Abrahão (2006) um estudo sobre crenças dentro de uma perspectiva contemporânea, necessita de uma “combinação de instrumentos para obter uma triangulação de dados e perspectivas” (VIEIRA ABRAHÃO, 2006, p.221). Para maior veracidade dos resultados obtidos através da coleta de dados presente, foi aplicado aos participantes que cursam a disciplina ES2, os seguintes instrumentos para a triangulação de dados:

- a) Questionário semiaberto;
- b) Entrevista semiestruturada apenas para o grupo focal com estudantes selecionados por intermédio da resposta da questão 11 do questionário aplicado;
- c) Observações de aulas com notas de campo;
- d) Análise documental.

3.4.1 Questionário semiaberto

O questionário semiaberto, conhecido também como questionário misto, compõe-se de questões fechadas e abertas. Este tipo de questionário tem o propósito de levantar informações pessoais, curriculares, expectativas e mesmo crenças (VIEIRA ABRAHÃO, 2006, p.222), ou seja, a pesquisa que contém este tipo de informações torna-se mais detalhada, por ter características de ambos questionários.

O questionário compõe-se de 03 (três) questões do tipo fechado e 07 (sete), do tipo aberto para obter respostas mais detalhadas sobre a formação docente e expectativa futura profissional dos estudantes entrevistados.

O questionário foi aplicado após uma das reuniões da disciplina ESJ2, quando todos os estudantes se reúnem para compartilhar sua experiência com os demais colegas e professor supervisor, no dia 10 (dez) de abril de 2017, com prazo de entrega até o dia 18 (dezoito) de abril de 2017. Este prazo de 8 (oito) dias foi estipulado para que os participantes se sentissem mais seguros e tranquilos para dissertar suas respostas.

3.4.2 Entrevista individual semiestruturada

Através de entrevistas semiestruturadas, os entrevistados conseguem expor, através de narração, suas crenças e reflexões sobre o processo de formação docente e suas expectativas futuras profissionais. A característica crucial para a escolha da entrevista semiestruturada, é a riqueza na interação e nas respostas pessoais dos entrevistados, através de questões orientadoras mediadas pelo entrevistador.

O roteiro de entrevista foi elaborado de acordo com as respostas do questionário semiaberto, contendo 10 questões (conferir Apêndice C), entretanto, de acordo com as respostas, surgiam novos questionamentos.

A entrevista individual ocorreu na própria universidade investigada no dia 09 (nove) de maio de 2017 e no dia 15 (quinze) de maio de 2017, apenas com os entrevistados que responderam “sim” na questão 11 (conferir apêndice B) do questionário semiaberto, sendo estes o grupo focal do presente trabalho. A entrevista foi composta por um roteiro com algumas perguntas estabelecidas – que podem ser moldadas de acordo com as respostas.

QUADRO 05: DADOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nome do estagiário	Data/Hora	Local	Duração
Bonten	09 de maio de 2017/ 18:20hs	Sala de aula	15:06
Haruhi	15 de maio de 2017 / 20:00hs	Sala de aula	08:27
Harumi	09 de maio de 2017/ 18:05hs	Sala de aula	11:49
Maru	15 de maio de 2017 / 18:30hs	Corredor da universidade	10:42

(Quadro nosso)

3.4.3 Observações de aulas com notas de campo

As observações de aulas foram aderidas com o intuito de analisar as ações dos estagiários e o quanto as suas crenças interferem nestas mesmas ações. Foi adotada a observação não-participante, ou seja, o pesquisador observa e grava o que ocorre em sala de aula sem interferir no processo (VIEIRA ABRAHÃO, 2006, p.225).

De acordo com Vieira Abrahão (2006) as observações são normalmente acompanhadas de notas de campo, seja elas anotações, gravações de áudio e/ou vídeo.

Normalmente [as notas de campo] incluem relatos de informação não verbal, ambiente físico, estruturas grupais e registros de conversas e interações. As notas de campo buscam responder as perguntas quem/o que/onde/ quando/ como e por que e podem ser organizadas em diferentes categorias para registrar descrições, reflexões ou análise de eventos (BURN, 1994 apud VIEIRA ABRAHÃO, 2006, p.226)

Inicialmente, os estudantes têm encontros semanais com a supervisora da disciplina, com o intuito de se preparar para o próximo passo que é lecionar a língua japonesa para alunos de nível básico, através do programa de estágio supervisionado 2, de um curso de idiomas que tem ligação direta com a Universidade. Neste semestre, os estagiários começaram a dar aula no dia 01 (primeiro) de abril de 2017, e as observações de aulas passaram a ser feitas até o dia 06 de maio de 2017.

A seguir, apresentaremos as aulas observadas, descritas com o número de observações, o participante, a data que a aula foi observada, o número da aula correspondente a observação, o conteúdo planejado, as ações realizadas pelos estagiários em relação ao conteúdo e as observações descritas através das anotações de campo.

QUADRO 06: AÇÕES DOS PARTICIPANTES EM SALA DE AULA

No.	Participante	Data	Contexto	Conteúdo	Ações	Obs.
1	Maru	01 de abril	Aula 1	Introdução da escrita <i>Hiragana</i>	Breve explicação histórica sobre o alfabeto, introdução da primeira família do <i>hiragana</i> (<i>a-gyo</i>)	Demonstra bastante nervosismo, chegando a se perder na explicação.
2	Harumi	09 de maio	Aula 11	<i>Tabemono</i>	Explica a matéria na língua materna e pede aos estudantes para repetirem o vocabulário após seu comando.	Desta maneira, a participante faz pouco uso da língua-alvo, sempre usando a tradução como suporte para os estudantes compreenderem e associarem as línguas.

3	Bonten	09 de maio	Aula 11	<i>Nomimono</i>	Instiga os estudantes a utilizarem a língua-alvo em atividades práticas, evitando o uso da língua materna.	No momento da observação desta aula, o professor estava aplicando a atividade em duplas para a turma e sempre motivando os estudantes a usar a língua-alvo na construção do diálogo.
4	Maru	20 de maio	Aula 7	<i>Tabemono/ Nomimono</i>	Aplicação de ditado (<i>kikitori</i>) e materiais lúdicos para fixação da escrita e identificação do vocabulário.	Apesar da preparação da aula ser em grupo, estas atividades foram desenvolvidas pelo participante Maru, por notar a necessidade de trabalhar com a compreensão oral dos estudantes e atividades extra curriculares para auxílio dos mesmos.
5	Harumi	06 de junho	Aula 19	Posicionamento de objetos	Passa atividade para os estudantes referente à posição de objetos, explicando na língua materna, entretanto dando os comandos na língua-alvo.	Quando os estudantes não conseguem compreender o comando, a participante explica novamente na língua materna.
6	Bonten	06 de junho	Aula 19	Posicionamento de objetos	Ao perceber a dúvida do estudante, continua com o uso da língua-alvo, até que o estudante consiga compreender o	O participante demonstra bastante paciência e insistência quanto aos erros/falta de compreensão dos estudantes. Continua dando

					comando, muitas vezes falando pausadamente, mas sem usar a língua materna.	exemplos na língua-alvo, até o estudante compreender onde está errando.
--	--	--	--	--	--	---

(Quadro nosso)

3.4.4 Análises documental

A disciplina ESJ2 tem por registro obrigatório e diário, os planos de aula e relatórios de cada aula que atuada pelo estagiário. Estes documentos servirão para triangulação dos dados juntamente com o questionário e entrevista. Assim, analisamos os planos de aula e os relatórios dos participantes do grupo focal (cf. anexo I-III).

3.5 Procedimentos para a coleta de dados

Após a escolha do tema do presente trabalho e delimitação dos objetivos e perguntas da pesquisa, podemos iniciar com as observações de aulas e anotações de campo desde o primeiro dia em que o participante começa a dar as aulas como estagiário no dia 01 de abril 2017, e com análise documental dos relatórios dos demais participantes. A partir desse primeiro contato, elaboramos o questionário semiaberto (conferir apêndice B) que foi entregue pela pesquisadora para os participantes no dia 10 de abril de 2017 e recolhido no dia 18 de abril de 2017. Através do resultado deste questionário, o grupo focal pode ser delimitado e então dar procedência aos demais instrumentos para a coleta de dados. O roteiro de entrevista (conferir apêndice C) foi elaborado através dos instrumentos citados anteriormente e realizado no dia 09 de maio de 2017, no mesmo dia que a aula dos participantes *Harumi* e *Bonten* foi observada, em seguida, a próxima aula observada destes participantes foi no dia 06 de junho. O participante Maru foi observado nos dias 01 de abril e 20 de maio.

3.6 Procedimentos para análise dos dados

Conforme Vieira Abrahão (2006) para a triangulação de dados e perspectivas é necessária a combinação de vários instrumentos de pesquisas. Como procedimento de análise de dados, utilizamos o seguinte roteiro:

- a) Coleta de dados no que se refere às crenças e ações dos participantes;
- b) Transcrição de dados coletados;
- c) Identificação das crenças e ações;
- d) Descrição das crenças e ações;
- e) Agrupamento das crenças e ações;
- f) Triangulação dos dados;
- g) Análise e interpretação sobre as relações entre as crenças e ações.

3.7 Considerações éticas

Concretizamos a presente pesquisa sempre calcados nessas considerações de ética e preservação da identidade dos participantes, lançando mão de pseudônimos escolhidos pelos próprios participantes, conduzindo entrevistas em locais reservados, informando os participantes dos objetivos da pesquisa, bem como salvaguardando quaisquer informações que pudessem, de alguma forma, identificar os participantes da presente pesquisa.

4 RESULTADOS

Apresentamos nesta seção os resultados obtidos dos instrumentos de coleta de dados. Através desses resultados, conseguimos inferir as crenças e a relação destas com as ações dos participantes em suas aulas para a disciplina ESJ2. Segundo Barcelos (2001), as crenças podem ser definidas como opiniões e ideias que alunos (e professores) têm a respeito dos processos de ensino e aprendizagem de línguas. Por este motivo, delimitamos esta pesquisa com foco nas duas crenças que foram citadas por mais de um participante. São elas:

- a) Crenças sobre o conhecimento da língua e da metodologia de ensino para a formação dos professores;
- b) Crenças sobre a natureza do professor e a relação entre professor e aluno.

4.1 Crenças sobre o conhecimento da língua e da metodologia de ensino para a formação dos professores

Através desta pesquisa, notamos o quanto essa crença está sendo desmistificada a cada aula que os participantes dão. Inicialmente, a maioria dos participantes sentiam-se intimidados pela competência oral, especialmente por não se sentirem seguros quanto a oralidade. A importância da prática pedagógica, principalmente sobre a metodologia empregada nas aulas, é algo que preocupava os participantes, ainda mais os que estavam dando aula pela primeira vez. Notava-se também, que para alguns participantes, saber a língua japonesa era mais importante do que saber como dar aula. Entretanto, ao decorrer das aulas, esta visão passa a mudar, como podemos observar nas seguintes declarações:

[1] Os cursinhos que tem em Brasília com os japoneses ensinando a língua japonesa, só aceita você [para ser professor] se tiver N2⁷, independente se você “tiver olho puxado”, eles vão te contratar. Não sendo isso, [em outros cursos de idiomas] **se você tiver olho puxado, eles vão te contratar, mesmo sem saber dar aula.** Isso é uma coisa que eu acho errado, porque eles sabem falar, mas não sabem ensinar. E acho errado com quem se forma, que se prepara para dar aula e não é contratado porque a competência oral normalmente é inferior do que o de uma pessoa que nasceu/morou no país da língua-

⁷ N2: Noryoku Shiken Nível 2 é o teste de proficiência que os estudantes de língua japonesa fazem de nível intermediário/ avançado.

alvo. [...] **O professor tem que saber sobre o seu método**, se é eficaz com os estudantes. Isso é mais importante. **Depois, vem o fator “saber o idioma”**. (Harumi, ES)

[2] Na verdade, **o professor tem que saber se comunicar usando a língua, não precisa ter o conhecimento detalhado da língua**, isso já é o bastante para passar a informação que precisa pra turma, o importante é saber como passar isso. (Maru, ES)

[3] **Não é essencial o professor ter domínio da língua**, já que estamos ensinando as primeiras disciplinas [nível básico I], então **desde que o professor consiga se expressar pra turma, consiga ter a atenção da turma e conseguir passar aquele conteúdo, ele já está cumprindo os requisitos**. (Haruhi, ES)

É importante enfatizar que os estudantes atingem o nível intermediário do curso, a partir do quinto semestre, ou seja, são dois anos até a conclusão para se aperfeiçoar no idioma. Alguns sentem-se aptos apenas para ensinar o nível básico e ainda assim, sentem-se nervosos, justamente por crer na necessidade de ter domínio da língua.

Ao analisar as respostas referentes à entrevista semiestruturada, foi possível notar que a maioria dos participantes perceberam, durante sua prática, a importância de saber dar aula e como passar o conteúdo, não necessariamente possuindo o domínio da língua para tal.

4.2 Crenças sobre a natureza do professor e a relação entre professor e aluno.

A presente crença é referente à postura do professor em sala de aula e sua relação com os estudantes. Segundo Barcelos (2001) uma das características mais importantes das crenças é a influência no comportamento, ou seja, a ação do professor⁸ em relação a seus estudantes pode ser baseada em suas crenças e/ou nas crenças de seus alunos. As experiências de ensino e aprendizagem, assim como o contexto social também são os pilares para essas ações (MUKAI, 2014).

[4] **O professor tem que buscar o equilíbrio da turma, saber ponderar até onde pode avançar e saber se autoavaliar**. (Harumi, ES)

[5] **O professor tem que demonstrar postura de professor**, exigir do aluno responsabilidade quanto seus deveres. [...] Ele [o professor] tem que se adaptar às necessidades dos alunos. Se o aluno precisa melhorar na parte oral, então o professor tem

⁸ No nosso caso o estagiário que cursa a disciplina ESJ2

que dar mais conversação. O professor tem que ser mais prático, puxar os alunos sempre um pouquinho pra cima, sempre pensar nos objetivos e interesses dos alunos e ser paciente. (Bonten, ES)

[6] **O professor tem que se moldar quanto as necessidades da turma e perceber as ansiedades, nervosismos e tudo o que impeça o aluno de aprender a língua, sem perder sua essência, sua personalidade.** A relação do professor com a turma também influencia no processo de aprendizagem dos alunos. (Maru, ES)

[7] O professor não tem que diminuir o nível da aula para alcançar os alunos que estão com dificuldades, mas sim “puxar” os alunos para cima. [...] **O professor tem que ser extrovertido.** (Haruhi, ES)

Para os participantes, é importante que o professor perceba as dificuldades da turma e, de acordo com suas palavras, se moldar quanto as necessidades dos alunos.

Percebemos o quanto as experiências, assim como as crenças influenciam na identidade profissional que o professor constrói em sala de aula. É visível este tipo de influência nos participantes sobre a maneira como aprenderam a língua na graduação, portanto, há um misto de crítica e inspiração em suas ações.

4.3 Ações

Segundo Mukai e Conceição (2012) para que possamos compreender as crenças dos alunos de LE, faz-se necessário investigar suas ações concernentes à aprendizagem dentro de um determinado contexto.

Através das observações de aulas e análise documental, obtivemos as ações dos participantes como professores em sala de aula. Suas atividades e jeitos de ensinar, algumas vezes conciliam com suas crenças, principalmente o que se refere à natureza do professor.

Observações de aula Harumi

A participante Harumi demonstra segurança quanto ao conteúdo que está sendo estudado e elabora atividades que os estudantes participam através de repetições e tradução. É constante o uso da língua materna, sendo um apoio para a participante explicar de maneira que os estudantes entendam o conteúdo. A participante tem um bom relacionamento com a turma, tem momentos de descontração e aproximação entre professor e aluno.

Observações de aula Bonten

O participante Bonten elabora as atividades de acordo com o material didático e foca na oralidade, sempre motivando os estudantes a tentarem falar e compreender a língua japonesa. Acharmos uma situação em específico muito interessante, quando em uma atividade, o estudante não conseguiu compreender o comando e o professor insistia em explicar a mesma coisa na língua alvo, até o estudante entender. Percebemos que os estudantes se identificam com esse professor, talvez pela identidade juvenil que o professor apresenta e o modo descontraído de aplicar as atividades.

Observações de aula Maru

As observações de aula do participante Maru foram feitas em dois momentos distintos de sua evolução quanto professor. A primeira observação foi em sua primeira aula do estágio, onde o professor demonstrava bastante nervosismo e em alguns momentos insegurança. O professor se aproximou dos alunos, buscando conhecer seus gostos e algo que pudesse aproximá-los. Já na segunda observação, o professor estava à vontade com a turma, totalmente confiante quanto ao conteúdo do dia e como ministrar a aula. A relação com os estudantes visivelmente era a de respeito durante a aula e brincadeiras/conversas durante o intervalo.

Análise documental (relatório) Haruhi

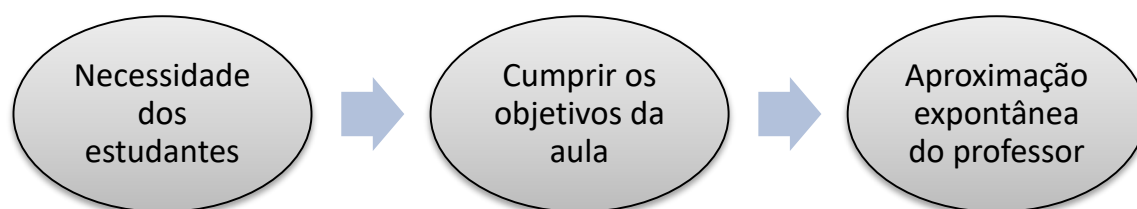
Por intermédio dos relatórios do participante Haruhi, podemos inferir que é um professor que foca na oralidade durante as atividades, impulsionando os estudantes a utilizarem a língua-alvo e despertando as demais habilidades de acordo com o tema da aula. Conforme o relatório da primeira aula (cf. anexo I-III) o professor fez a sondagem para saber os gostos dos estudantes, a fim de conectar alguma aproximação e fazer uma aula voltada para aquele perfil de alunos.

Através das ações dos participantes, notamos que a reflexão sobre suas crenças e a desmistificação de algumas delas, os deixaram mais confiantes quanto ao seu

posicionamento como professor em sala de aula. Isso foi evidente em todos os participantes, que começaram a se sentir confiantes quando perceberam que não precisavam ter o domínio do idioma para dar aula.

Sobre a postura dos participantes quanto ao posicionamento de professor, todos acreditam que o professor deve demonstrar uma relação hierárquica entre professor e aluno, entretanto o professor tem que se aproximar das necessidades dos estudantes, e fazer isso de maneira que concilie o objetivo da aula com essas necessidades.

GRÁFICO 01 – ESQUEMATIZAÇÃO DAS AÇÕES DOS ESTAGIÁRIOS



(Figura nossa)

Por meio das observações, essa esquematização configura as ações dos participantes em seu contexto de sala de aula e estrutura a relação entre as crenças desses professores quanto à prática docente e suas ações em sala de aula.

4.4 Expectativas

No presente trabalho foi identificado as expectativas dos participantes quanto a seu futuro profissional e a relação dessa expectativa com a disciplina ESJ2.

Através da questão 11 do questionário semiaberto (cf. apêndice B), podemos delimitar o grupo focal e identificar quem pretendia de se tornar professor de língua japonesa, ou seja, sondar sobre o futuro profissional do participante.

O questionário semiaberto foi respondido pelos participantes no começo das práticas pedagógicas, ou seja, a disciplina de imediato não havia influenciado quanto às expectativas que os participantes tinham sobre lecionar.

A questão 8 do questionário semiaberto retrata bem as expectativas iniciais dos participantes em relação a seu ingresso na universidade e a questão 14 mostra o quanto a disciplina ESJ2 atende as expectativas quanto o futuro profissional dos participantes.

Quadro 07 – Expectativas identificadas no questionário semiaberto

Participante	Primeiras Expectativas
Haruhi	Aprender o idioma e usá-lo no cotidiano.
Bonten	Sem expectativas quanto a um futuro profissional relacionado ao curso.
Harumi	Aprender o idioma e a cultura japonesa para poder ensinar depois.
Maru	Aprender e pôr em prática [dar aula] a língua japonesa.

(Quadro nosso)

Nota-se que nem todos ingressaram no curso com o interesse de seguir uma carreira profissional como expectativa. Entretanto, através das observações de aula e com o auxílio da entrevista semiestruturada aplicada, podemos identificar a crescente expectativa quanto à carreira docente e o afloramento dessas expectativas durante a disciplina ESJ2.

Quadro 08 – Expectativas identificadas na entrevista semiestruturada

Participante	Expectativas Futuras Profissionais
Haruhi	“Sempre quis ser professor, quando terminar a graduação, pretendo tentar algo na área, mas sempre focando em me especializar, fazendo mestrado e doutorado, e por fim, entrar no corpo docente da UnB.”
Bonten	“Não entrei com nenhum tipo de expectativa no curso, mas com a prática docente na disciplina ESJ2 despertou em mim o interesse em ser professor e continuar nessa área”.
Harumi	“Ser professora de japonês sempre foi uma opção, a vontade despertou mesmo com a prática docente na disciplina ESJ2. Essa

	experiência está sendo muito legal e gratificante, portanto quero continuar a fazer isso.”
Maru	“Ainda estou indeciso sobre trabalhar nessa área [dar aula de língua japonesa], não tenho experiência com a língua e me sinto ansioso em ensiná-la para os alunos. Mas se possível, eu realmente gostaria de ensinar a língua japonesa.”

(Quadro nosso)

Por meio da análise do quadro 08 (oito), percebemos que a prática docente durante a disciplina ESJ2 despertou o interesse de alguns estagiários em prosseguir a carreira docente no ensino de língua japonesa e em outros estagiários, fomentou a expectativa de prosseguir nessa área.

Convém salientar que as respostas relacionadas ao Quadro 07 (sete) são referentes ao questionário semiaberto, quando os participantes estavam começando a dar aulas. Já as respostas relacionadas ao Quadro 08 (oito) são referentes à entrevista semiestruturada, quando os participantes já tinham alcançado mais da metade das aulas programadas.

Portanto, acreditamos que a expectativa construída ao decorrer da graduação em relação ao futuro profissional é cumprida com a prática docente durante a disciplina ESJ2.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo serão retomadas as perguntas que nos propusemos a responder neste estudo de caso. Em seguida, serão apresentadas as contribuições de estudo que esperamos ter disponibilizado com esta pesquisa.

Por fim, serão apresentadas as limitações que dificultaram o desenvolvimento desta pesquisa e em seguida, serão apresentadas sugestões para futuras pesquisas.

5.1 RETOMANDO AS PERGUNTAS DE PESQUISA

As perguntas de pesquisa referentes ao objetivo deste trabalho, orientam o trabalho com mais clareza quanto a seus objetivos. As perguntas são:

- a) Quais são as crenças dos participantes sobre a disciplina ESJ2 como professor em formação?
- b) Quais são as ações dos participantes sobre a disciplina ESJ2 como professor em formação?
- c) Quais são as expectativas futuras após a conclusão do curso registradas no decorrer da disciplina?

Os resultados apresentados mostram duas crenças principais entre os participantes. E em todas as ações, há influências marcantes destas crenças. A primeira crença identificada é sobre o **conhecimento da língua e da metodologia para a formação dos professores**. Os participantes inicialmente estavam afetados em suas primeiras aulas por esta crença, pois alguns não tinham nenhuma experiência de prática docente e por isso, sentiam-se nervosos e inseguros para lecionar. Outro fator desta crença é sobre o domínio linguístico do idioma, alguns estagiários acreditavam que era mais importante ter o conhecimento linguístico do que saber dar aula e isso também os deixavam aflitos. Entretanto, durante suas ações em sala de aula, como se pode observar nas observações de campo (cf. capítulo 04) e nas análises documentais (cf. anexo I-III), os estagiários

perceberam que o conhecimento que eles tinham sobre a língua japonesa era o suficiente para dar aula para o nível básico e ressaltaram a importância do saber como dar aula.

A segunda crença identificada foi sobre a **natureza do professor e sua relação com os estudantes**. Esta crença influencia na postura do estagiário como professor e juntamente com suas experiências (seja influenciada por outros professores) ajudam a definir suas ações em sala de aula. É importante frisar que as ações que os professores tomam podem ser influenciadas por suas crenças e a dos alunos, de acordo com Mukai (2014) as crenças são configuradas com base na ação, interação e adaptação dos indivíduos a seus contextos específicos. A preocupação que o professor deve ter na maneira como se comporta em sala de aula e em como se adaptar aos estudantes são as crenças mais citadas pelos estagiários. E esta crença tem ligação com a relação entre professor e alunos, já que na visão dos estagiários, o professor que alcança a turma, compreende suas necessidades e dificuldades, é um professor mais próximo afetivamente de seus alunos. Nota-se este perfil de professor em todos os participantes da pesquisa, através das observações de aula concluímos que realmente os professores buscam conversar e se contextualizar quanto a seus alunos, suas dificuldades e preferências, planejando aulas e ministrando-as sempre focando no progresso dos estudantes.

Sobre a questão das expectativas, conseguimos identificá-las em dois momentos, primeiramente quando os estagiários estavam iniciando suas práticas docentes, através do questionário semiaberto, em seguida, quando os estagiários já estavam em estágio avançando em suas aulas, através da entrevista semiestruturada. Notamos o quanto a disciplina ESJ2 interferiu nessas expectativas, já que para alguns, a comprovação da expectativa profissional, ou seja, ser professor de língua japonesa, ocorreu durante a prática docente para esta matéria.

5.2 CONTRIBUIÇÕES DE ESTUDO

O presente trabalho teve como propósito a investigação das crenças, ações – e suas correlações – e as expectativas dos estudantes sobre a disciplina ESJ2. Gostaríamos de instigar mais pesquisas nesse ramo, principalmente sobre o Estágio Supervisionado e a importância da formação de professores. Acreditamos que este estudo contribuirá para

reflexão dos estudantes quanto suas expectativas profissionais e sobre suas crenças e ações durante o Estágio.

Ademais, concordamos com Barcelos (2000 apud MUKAI, 2014, p.393) que os estudos de crenças ajudariam a solucionar questões como a ansiedade na aprendizagem e conflitos entre as crenças de professores e alunos, além da contribuição para compreender as atitudes, ações e motivações dos aprendizes de línguas.

5.3 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

O maior obstáculo foi a escassez de recursos voltada diretamente para as crenças e ações de alunos de língua japonesa, nos baseamos em estudos da Linguística Aplicada direcionado para crenças de língua estrangeira em geral. Outra barreira foi a carência de estudos sobre expectativa e sobre o Estágio Supervisionado para embasamento teórico.

As expectativas dos estudantes são alteradas de acordo com seus interesses. Como não foi aplicado nenhuma ferramenta de investigação para sondar com quais expectativas os estudantes ingressaram no curso, não há como fazer uma comparação autêntica com a que eles realmente desejavam. Durante a entrevista, percebemos algumas dificuldades diante desta questão, pois como a disciplina ESJ2 é uma das últimas disciplinas a ser cursada, foi um obstáculo para se lembrar de algumas coisas do ingresso no curso.

5.4 SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Sugerimos que se realizem mais pesquisas sobre a formação do professor de língua japonesa como LE, com olhar centrado em suas crenças, ações e expectativas futuras profissionais. É importante para um estudante de Letras, compreender e ter a noção do quanto suas dificuldades na aprendizagem de línguas podem está sendo influenciadas por suas crenças.

Recomendamos também, mais pesquisas focadas no professor quanto formador de professores, não apenas na posição de instrutor da língua. É importante que aumente os estudos sobre a formação do professor quanto suas crenças, ações e expectativas também.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELOS, A.M.F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.1, n.1, p. 71-92, 2001.
- _____. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas. In: **Linguagem & Ensino**, vol 1, nº1, p. 123-156, 2004.
- _____. Cognição de professores e alunos: tendências recentes nas pesquisas de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: Barcelos, A.M.F.; Vieira-Abrahão, M.H. (Orgs). **Crenças e Ensino de Línguas: Foco no Professor, no Aluno e na Formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 15-42, 2006.
- _____. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. In: **Linguagem & Ensino**. v.9, n.2, p. 145-175. Jul-dez/2006.
- _____. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.7, n.2, p.109-138, 2007.
- _____. Crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas: um portal para inclusão. In: Conceição, M.P. (Org). **Experiências de Aprender e Ensinar Língua Estrangeiras: Crenças de Diferentes Agentes no Processo de Aprendizagem**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- FEIJÓ, F.R. **Crenças de alunos brasileiros (de japonês como LE) em relação à competência comunicativa em língua japonesa**. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras). Curso de Letras e Literatura Japonesa. Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF, 2010.
- FIGUEIREDO, Francisco J Quaresma de; SABOTA, Barbara. Crenças e expectativas sobre o estágio supervisionado: um estudo com licenciando de letras e seus formadores. In: **Letramentos, Crenças de Aprendizagem de Línguas e Inclusão Social**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- FUKUSHI, J.M. **Como desenvolver a habilidade de fala dos aprendizes da língua japonesa como LE (Língua Estrangeira) em um curso universitário: uma análise da metodologia de ensino**. 2012. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras). Curso de Letras e Literatura Japonesa. Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF, 2012.
- LEAL, Vânia A. L; BARCELOS, Ana Maria F. Crenças de professores de ele em formação universitária. Quién soy y qué profesor quiero ser? In: **Letramentos, Crenças de Aprendizagem de Línguas e Inclusão Social**. Campinas, SP: Editora Pontes, 2016.
- MORALES, L.M. **Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como língua estrangeira**. São Paulo, 2008, 313 f. Tese (Doutorado em Linguística) -Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MUKAI, Y. Crenças e necessidades em relação à escrita em japonês: nos casos dos estudantes universitários brasileiros e portugueses. In: **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v.17, n.2, p. 391-440, 2014.
- _____; CONCEIÇÃO, M.P. Crenças e necessidades de aprendizes de japonês como LE (Língua Estrangeira) a respeito da habilidade da escrita e materiais didáticos. In: **Estudos Japoneses**, n.31, p. 193-219, 2012.
- _____. As pesquisas em crenças no ensino-aprendizagem de japonês como LE no Brasil. In: **Estudos japoneses**, n.36, p. 169-183, 2016.
- PEREIRA, E.L. **Crenças e ações de aprendizes e de uma professora a respeito da autonomia na aprendizagem da língua japonesa como LE**. 2015. Trabalho de

- conclusão de curso (Licenciatura em Letras). Curso de Letras e Literatura Japonesa. Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF, 2015.
- SANTOS, Wellington. **Expectativas de estudantes de psicologia em relação a seu futuro trabalho profissional**. Dissertação para título de Mestre no Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2004.
- SELVERO, C.M. Crenças e motivação: Marcas no processo de ensino e aprendizagem. In: **Revista Escrita**, n.15, 2012.
- SILVA, K.A. da (Org). **Crenças, discursos & linguagem** – volume 1. 1. Ed. Campinas-São Paulo: Pontes editores, 2010.
- VIEIRA ABRAHÃO, M. H. Metodologia na investigação das crenças. In: BARCELOS, A. M.F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.) **Crenças e Ensino de Línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontes, 2006, p. 216-231.
- YIN, R.K. Estudo de caso: Planejamento e métodos. In: **Estudo de caso**. 5. ed., Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICE A**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, _____, li antes de assinar este documento e declaro que concedo a pesquisadora Mitiko Magalhães Motoshima o direito de uso dos dados coletados por meio de questionários escritos e entrevistas orais e concordo em participar voluntariamente da pesquisa sobre crenças e expectativas de alunos formandos que cursam a disciplina Estágio Supervisionado 2, assegurando que as informações por mim divulgadas serão verídicas. Estou ciente de que:
A minha participação é de natureza voluntária e que, em nenhum momento, me senti coagido(a) a participar.

Posso retirar o meu consentimento e encerrar a minha participação em qualquer estágio desta pesquisa.

Todas as minhas respostas escritas ou orais permanecerão anônimas e a minha identidade será totalmente resguardada, sendo apenas identificada por pseudônimo ou código.

As minhas respostas poderão ser utilizadas no todo ou em parte, em comunicações em congressos, publicações em livros, periódicos impressos ou online.

A minha participação nesta pesquisa envolverá o preenchimento de questionários escritos e a participação de uma entrevista oral individual.

Fui informado(a) de que terei a minha identidade preservada por pseudônimo ou código, conforme um dos princípios éticos da pesquisa acadêmica. Afirmo, ainda, que recebi uma cópia deste termo de consentimento.

Brasília, _____ de abril de 2017.

(assinatura do/a participante)

Contato do/a participante: _____

Pesquisadora: Mitiko Magalhães Motoshima

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE E A EXPECTATIVA FUTURA PROFISSIONAL

Eu, Mitiko Magalhães Motoshima, aluna do Curso de Letras-Japonês da Universidade de Brasília, em primeiro lugar, gostaria de agradecer por sua colaboração e participação nesta pesquisa que tem como objetivo investigar o que os alunos da disciplina Estágio Supervisionado 2 de língua japonesa pensam sobre sua formação docente e sua expectativa futura profissional. Por favor, responda as 16 perguntas. Informo que os resultados obtidos neste questionário serão utilizados apenas para uso exclusivo da minha pesquisa. Todas as informações fornecidas por você serão feitas de forma anônima, ou seja, seu nome não será revelado. Mais uma vez, agradeço por sua colaboração.

- 1) Nome: _____
- 2) Codinome: _____ (Escolha um codinome.)
- 3) Língua materna: _____
- 4) Sexo: () masculino () feminino Idade: _____
- 5) Total de períodos da aprendizagem de língua japonesa até agora:

- 6) Seu nível de japonês (se tiver certificado de proficiência, coloque o nível e o ano da obtenção):

- 7) Você já ensinou ou ensina a língua japonesa (fora da disciplina Estágio Supervisionado 2)?
() não
() sim
() numa escola de idiomas () como aula particular () outros _____
Quanto tempo? _____
- 8) Com que expectativa, você entrou no curso de “Licenciatura” em língua japonesa?

- 9) Para você, o que é a disciplina “Estágio Supervisionado 2”? Para que serve esta disciplina? Explique.

10) Você gosta desta disciplina? Por que sim ou por que não?

() sim () não Justifique:

11) Você pretende se tornar professor de língua japonesa?

() sim () não Justifique:

Quem respondeu “não” na questão 11, responda à questão 12 e depois, vá para a questão 14.

12) Depois de se formar, o que você gostaria de fazer?

Quem respondeu “sim” na questão 11, responda à questão 13:

13) Para isso, está fazendo algo especial, além da disciplina Estágio Supervisionado 2? Por que sim ou por que não. Justifique.

14) A disciplina “Estágio Supervisionado 2” atende às suas expectativas futuras profissionais? Por que sim ou por que não? Justifique.

15) Para você, quais as principais características de um professor ideal de línguas?

16) Afinal, para você, o que é a formação docente?

Obrigado por sua colaboração.

Pesquisadora: Mitiko Magalhães Motoshima

APÊNDICE C

Roteiro de Entrevista

- 1) Antes da disciplina ESJ2 você pensava em se tornar professor de LJ?
- 2) Agora que está cursando a disciplina, você pensa em se tornar professor de LJ?
- 3) Quando terminar a graduação, você pensa em trabalhar nesta área? Por que pensa assim?
- 4) Como seria o professor ideal para você? Você teve exemplos?
- 5) Quando você planeja as aulas na disciplina ESJ2 você se baseia em que?
- 6) Você disse que pretende se tornar professor de LJ, poderia explicar um pouco mais sobre essa escolha?
- 7) O que um professor de idiomas precisa para dar uma boa aula?
- 8) O que você pensa sobre a prática da docência ser instigada apenas nos últimos momentos do curso (nas disciplinas ESJ1 e ESJ2)?
- 9) Você tem feito alguma coisa para complementar sua formação como professor de idiomas?
- 10) Afinal, para você, o que é a formação docente (como professor em formação)?

**ANEXO I – ANÁLISE DOCUMENTAL (PLANOS DE AULA/RELATÓRIOS)
HARUHI**

FORMULÁRIOS DE PLANO DE AULA

ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO JAPONÊS 2

Aluno estagiário: XXXXX e Haruhi

Matrícula: XX/XXXXXXXX e XX/XXXXXXXX

Professora supervisora: XXXXX

QUADRO REFERENCIAL	
Instituição: Universidade de Brasília	Departamento: Línguas Estrangeiras e Trad.
Data: 01/04/17	Horário: 08:00 às 12:00
Disciplina: Japonês	Nível: Básico 1
Faixa Etária: 19 à 60 anos	Professor(a): Haruhi e XXXXXX
Número de alunos: 8	Unidade:
Gênero: Masculino e feminino	
<p align="center">Objetivos da aprendizagem</p> <p>Objetiva que os alunos tenham um conhecimento breve sobre panorama histórico do Japão para que possam entender o quê é o Japão e como foi dado sua origem; os aluno vão identificar os diferentes tipos de silabários, para se prepararem para as futuras atividades de escrita; Com foco na competência de auto apresentação, os alunos irão adquirir algumas expressões de uso cotidiano para familiarizar o uso do japonês no dia-a-dia;</p>	

Objetivos – Conteúdos

Praticar a oralidade na língua alvo, com isso desenvolver a competência de auto apresentação na língua alvo; Introduzir a escrita na língua alvo; Diferentes tipos de traços que devem ser levados em consideração para a escrita em japonês; e situar o aluno do material didático que será usado como base ao longo do curso.

Vocabulários:

おはよう ございます, こんにちは,こんばんは, さようなら, またね, ありがとうございます, しつれいします。

Expressões/Estruturas:

はじめましてわたしは _____です。にほんごのがくせいです。よろしくおねがいします。

Métodos Utilizados:

- Abordagem Natural/Comunicativo:

O livro base deste curso é o *Marugoto*, por isso o material trabalhado será sem foco nas regras gramaticais, e sim na prática da oralidade com base em competências, onde o aluno, ao término de cada lição, adquirirá um novo *can-do* (uma nova competência).

Técnicas Utilizadas:

- Repetição (escrita e oral); aula expositiva.

A aula é baseada em slides de produção própria com apresentação de novos vocabulários e expressões, enquanto os alunos repetem oralmente e treinam entre si a conversação. A escrita é trabalhada separadamente, onde os professores demonstram cada *kana* no quadro, enquanto os alunos escrevem. Após cada *kana*, os professores verificam se os alunos estão com um bom

desempenho. Da mesma forma, a oralidade é verificada individualmente, mas sem correção individual, para não inibir o aluno à prática.

- Áudio do livro *Marugoto*.

É importante para os alunos que desenvolvam a compreensão oral do japonês. Mesmo que repetindo diversas vezes os vocábulos e expressões, escutar é uma competência fundamental, e para isso, será trabalhado os áudios juntamente com as demonstrações orais dos professores.

Habilidades linguísticas trabalhadas em sala de aula

- a) **Escrita 3/5** A escrita será trabalhada com a apresentação dos novos *hiragana* com os novos vocabulários.
- b) **Leitura 4/5** A leitura será feita durante os exercícios de apresentação de novos vocabulários, onde juntamente com as listas de vocabulários, os alunos lerão nos slides.
- c) **Oralidade 5/5** Durante toda atividade de apresentação em sala de aula, os alunos serão estimulados a praticar a oralidade, seja repetindo os novos vocabulários e expressões ou simulando diálogos com suas respectivas duplas.
- d) **Compreensão oral 5/5** Juntamente com as atividades de oralidade, os alunos escutarão as novas expressões, novos vocabulários e comandos em japonês, treinando bastante a compreensão oral. Também serão utilizados os áudios do *Marugoto*.

Grade de recursos:

Quadro-negro, slide (produção própria), lista de silabários (produção própria), lista de expressões (produção própria), exemplar e áudios do *Marugoto* e páginas do *Kananyuumon*.

Horário	Atividade	Aplicação	Objetivo	Material Utilizado
08:00	Discurso de boas-vindas	Discurso oral.	Dar boas-vindas aos estudantes.	Nenhum
08:15	Apresentação dos professores	Discurso oral, explicando a nossa formação, interesses com o japonês e esperanças para o semestre.	Promover uma situação interativa para que os alunos conheçam os professores.	Nenhum
08:30	Apresentação dos alunos e sondagem	Formar um semicírculo, para que os alunos possam identificar também uns aos outros, onde cada aluno será perguntado individualmente sobre nome, idade, interesse no Japão, interesse no curso e afins.	Traçar um perfil dos alunos e seus interesses, para poder assim elaborar um material mais específico nas próximas aulas.	Nenhum
08:45	Slide: História do Japão	Apresentação em slide com aula expositiva Fazer um breve panorama	Tem como objetivo através dos slides do Japão motivar e situar os alunos de o quê é o Japão	Slide (produção própria)

		histórico do Japão.	e como foi dado sua origem.	
09:00	Slide: Diferentes silabários	Apresentação em slide com aula expositiva. Alunos receberão um lista com todos os <i>hiragana</i> e <i>katakana</i> para acompanhar a explicação.	Introduzir os alunos aos diferentes tipos de silabários, para preparar para as futuras atividades de escrita.	Slide (produção própria) Lista de hiragana e katakana
09:30	Slide: Expressões do Cotidiano	Apresentação em slide com aula expositiva. Alunos repetirão em voz alta as expressões após a explicação dos professores.	Promover situações de uso das expressões apresentadas para familiarizar o uso do japonês no dia-a-dia. Praticar a oralidade na língua alvo.	Slide (produção própria) Lista de expressões (produção própria)
10:00	Atividade de auto apresentação	Os alunos utilizarão a lista de expressões entregue na atividade anterior e se apresentarão para a sala em japonês. Primeiramente será apresentado	Desenvolver a competência de auto apresentação na língua alvo. Praticar a oralidade na língua alvo.	Slide (produção própria) Lista de expressões (produção própria)

		<p>cada uma das expressões para os alunos. Após a apresentação de cada frase, os alunos repetirão após o professor.</p> <p>Depois de passadas todas as frases, os alunos se apresentarão sozinhos, com o auxílio da lista.</p>		
10:30	Intervalo	-	-	-
10:45	Atividade de Escrita do nome	<p>Alunos receberão uma folha quadriculada para escrever o próprio nome em <i>katakana</i> com auxílio da lista de silabários.</p>	<p>Introduzir a escrita na língua alvo. Esta atividade não possui como objetivo ensinar a grafia do <i>katakana</i>, e sim somente dar o primeiro contato com a escrita na língua alvo para iniciar o processo de criação da identidade como aluno de língua estrangeira.</p>	<p>Lista de <i>hiragana</i> e <i>katakana</i></p> <p>Folha quadriculada</p>

11:15	Slide: Ordem dos traços	Aula expositiva com apresentação em slide, com imagens ilustrando a explicação dos professores. Explicar para os alunos os diferentes tipos de traços que devem ser levados em consideração para a escrita em japonês (linguístico cultural).	Situar os alunos das características da escrita japonesa, para assim servir de base para as próximas aulas, onde serão introduzidos os silabários.	Slide (produção própria) Quadro negro
11:30	Conhecimento prévio de vocabulário	Será perguntado para cada aluno individualmente se ele conhece alguma palavra em japonês. Enquanto os alunos falam as palavras, é formado um mini vocabulário no quadro em hiragana.	Mostrar aos alunos como a língua alvo está presente na vida cotidiana deles, mesmo que sejam apenas algumas palavras. Conduzir para que os alunos consigam identificar o segmento linguístico/cultural da escrita japonesa de como	Quadro negro

			é feita a escrita utilizando as técnicas ensinadas na atividade anterior.	
11:45	Apresentação do Marugoto e Ementa	Apresentado o exemplar do Marugoto enquanto é explicado algumas características do livro. A explicação da ementa será feita de forma oral, onde será lido a folha juntamente aos alunos.	Situar o aluno do material didático que será usado como base ao longo do curso.	Exemplar do Marugoto.

RELATÓRIO (AULA DO DIA)

Chegamos em sala de aula perto das 7:20 da manhã para verificarmos se tinha projetor e se estava funcionando normalmente, entretanto já tínhamos agendado no UnB Idiomas o aluguel do aparelho como forma de segurança. Portanto tivemos que ir lá e chegamos novamente em sala de aula perto das 7:50 para terminar de arrumar tudo. Às 8:00 só havia 4 alunos em sala de aula, portanto decidimos esperar mais 10 minutos para ver se mais algum aluno chegava. 1 aluno chegou em sala durante esse período. Às 8:10 ambos nos apresentamos como os professores da turma e pedimos para que os alunos se apresentassem. Como forma de iniciar a atividade, o professor XXXX começou se apresentando, falando nome, idade e do que gostava da cultura e língua japonesa. Enquanto os alunos faziam as apresentações mais 2 alunos chegaram em sala de aula. Após todos se apresentarem o professor Haruhi finalizou a atividade se apresentando da mesma maneira. A atividade foi mais curta do que esperávamos, pela

pouca quantidade de alunos. Após as apresentações o professor XXXXXX fez uma breve apresentação sobre o Japão, sobre a geografia, lenda da criação e cultura. Os slides tiveram um efeito positivo nos alunos, fazendo-os rir e animá-los no começo da aula. Depois teve a apresentação dos silabários da língua japonesa pelo professor Haruhi, eles receberam os silabários impressos para verificação, os alunos entenderam o que estava se passando no momento. Fizemos então uma atividade de escrita do nome, pedindo para que os alunos escrevessem seus nomes de acordo com o silabário. Deixamos 10 minutos para eles tentarem escrever da sua maneira os katakana. Depois disso o professor Haruhi fez a apresentação do slide das expressões do cotidiano, onde também entregamos impresso as expressões para que pudessem ter em mãos o material explicado. Alguns alunos tiveram dificuldade em algumas pronúncias, mas já era esperado. Juntamente com os slides de expressões, o professor Haruhi fez a atividade de auto apresentação, onde ele os fez repetir diversas vezes para fixação do que estavam falando. Todos conseguiram se expressar satisfatoriamente. Perto das 10:00 horas fizemos um intervalo de 10 minutos para que os alunos pudessem beber água, ir ao banheiro e se esticarem. Ao voltarem, o professor XXXXXX fez uma revisão das expressões que eles haviam aprendido, adicionando alguns comandos que seriam utilizados em sala de aula e explicando alguns sufixos de tratamento (san, kun, sama, chan, sensei) que estávamos usando em sala de aula quando nos referíamos aos alunos. Após essa breve revisão o professor XXXX fez a apresentação dos slides da ordem dos traços, percebemos que os alunos ficaram um pouco confusos, entretanto fizeram poucas perguntas. Por percebemos que ainda estava muito cedo e os alunos pareciam confusos sobre como era a ordem dos traços fizemos uma atividade com a escrita no ar do hiragana あ que foi apresentado durante os slides. Enquanto o professor XXXXX mostrava para os alunos como se escrevia no ar, o professor Egon observava se os alunos o estavam fazendo corretamente. O professor Haruhi então apresentou aos alunos o agyo juntamente com vocabulários que eles já poderiam escrever com as letras que eles estavam vendo (あおい、うえ、いう、いえ). Fizemos então a atividade de conhecimento prévio da língua, onde perguntamos quais palavras eles já conheciam da língua japonesa, saiu completamente errado, os alunos pareciam inibidos em participar, onde apenas 2 alunos falaram 2 ou 3 palavras. Fizemos em seguida a apresentação do material didático que será utilizado nas próximas aulas, no caso, o Marugoto A1 Katsudou e Rikai, onde eles tiveram a oportunidade de folhear o livro enquanto fazíamos a explicação do que pretendemos utilizar dele. O professor XXXX então fez uma última revisão das expressões para ver se os alunos haviam entendido e decorado as expressões básicas e ambos os professores fizeram uma breve explicação sobre reverência para que os alunos pudessem fazer corretamente a auto apresentação. Pedimos então para que os alunos levantassem e fizessem um círculo conosco para que pudéssemos fazer uma última vez a auto apresentação. Os alunos então tiraram algumas dúvidas que surgiram durante a aula e algumas curiosidades que gostariam de saber e então finalizamos a aula 15 minutos mais cedo.

APRECIÇÃO INDIVIDUAL

Haruhi: Como primeiro contato com uma turma de japonês no papel de professor, admito que estava muito nervoso. Início da aula foi necessário fazer as apresentações e coordenar as primeiras atividades, acredito que tenha saído tudo certo, mas por dentro ainda estava ainda meio inibido. Depois das atividades de apresentação os alunos estavam mais sorridentes e tranquilos, isso me ajudou a dar ficar mais relaxado com a minha postura. Durante as aulas expositivas consegui apresentar tranquilamente o conteúdo, durante a coordenação das atividades também não houve nenhum problema, e durante o momento de dúvidas, acredito que tenha conseguido esclarecer bem. Espero que tenha passado confiança para os alunos.

XXXXX: Como primeiro dia de aula em qualquer estabelecimento eu sempre tenho um pré-nervosismo, e dessa vez não foi diferente. Acabei me exaltando um pouco antes de começar a aula com o professor Haruhi por causa de horário, entretanto ao conseguir chegar em sala de aula no horário e começando as atividades, rapidamente me acalmei e entrei no estado necessário para passar qualquer conteúdo para os alunos. Como foi a primeira aula em que tive que dar conteúdo de língua japonesa percebi que precisava estudar um pouco mais antes de preparar alguns conteúdos, entretanto não houve dificuldades durante a aula.

APRECIÇÃO DA EQUIPE

Haruhi: O professor XXXXX estava com uma postura muito boa. Sempre falava com os alunos com um tom calmo, e em nenhum momento inibiu o aluno a praticar. Durante as aulas expositivas explicou bem, durante o treino de escrita acompanhou o desenvolvimento dos alunos e tirou as dúvidas quando solicitado.

XXXXXX: O professor Haruhi começou um pouco inibido mas rapidamente entrou no ritmo de professor. Sempre alegre e gentil trouxe um ar um pouco mais relaxado em sala de aula. Entretanto perdeu um pouco a concentração no momento em que um aluno que chegou tarde tentou falar as primeiras palavras em japonês com um sotaquê muito forte.

**ANEXO II – ANÁLISE DOCUMENTAL (PLANOS DE AULA/RELATÓRIOS)
HARUHI**

**FORMULÁRIOS DE PLANO DE AULA
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO JAPONÊS 2**

Aluno estagiário: XXXXX e Haruhi

Matrícula: XX/XXXXXXXX e XX/XXXXXXXX

Professora supervisora: XXXXX

QUADRO REFERENCIAL	
Instituição: Universidade de Brasília	Departamento: Línguas Estrangeiras e Trad.
Data: 08/04/17	Horário: 08:00 às 12:00
Disciplina: Japonês	Nível: Básico 1
Faixa Etária: 19 à 60 anos	Professor(a): Haruhi e XXXXXX
Número de alunos: 8 alunos	Unidade:
Gênero: Masculino e feminino	
<p align="center">Objetivos da aprendizagem</p> <p>Promover situações de uso das expressões apresentadas para familiarizar o uso do japonês no dia-a-dia. Praticar a oralidade na língua alvo, com ênfase na competência apresentada no material. Com relação ao letramento da escrita e da leitura os alunos terão contato com diferentes tipos de silabários aos alunos os diferentes tipos de silabários, para preparar para as futuras atividades de escrita. Desenvolver a competência de diferenciação entre os diferentes tipos de escrita</p>	

do japonês, reforçando a atividade anterior. Desenvolver a competência da escrita dos primeiros *hiragana*, preparando o aluno para as futuras atividades de vocabulário.

Objetivos – Conteúdos

Apresentar novo material de referência para os alunos (*Kananyuumon*); desenvolver o uso de sufixos de tratamento em sala de aula, além de introduzir o alunato na gama de respeito que envolve a cultura japonesa, contemplando o segmento linguístico/cultural. Exemplificar a diferença fonética/fonológica entre a pronúncia original das palavras para a conversão em *katakana*. Explicar as singularidades da língua japonesa, como por exemplo, a ausência do “JA” (sendo no japonês “JYA”). Mostrar para os alunos a gama de vocabulários que eles já podem escrever com os silabários aprendidos em sala de aula. Estimular os alunos a praticarem a escrita na língua alvo mesmo estando fora de sala de aula.

Vocabulários:

あし・えき・かい・しお・うし・かさ・くし・すいか・いけ・あせ・ここ・そこ・うえ・あおい

Expressões/Estruturas:

____、いますか。 はい、います。 いません。 いいえ、まだです。

きいてください。 かいてください。 よんでください。 いってください。 みてください。 もういちどおねがいします。

Métodos Utilizados:

- Abordagem Natural/Comunicativo:

O livro base deste curso é o *Marugoto*, por isso o material trabalhado será sem foco nas regras gramaticais, e sim na prática da oralidade com base em competências, onde o aluno, ao término de cada lição, adquirirá um novo *cando* (uma nova competência).

Técnicas Utilizadas:

- Repetição (escrita e oral); aula expositiva.

A aula é baseada em slides de produção própria com apresentação de novos vocabulários e expressões, enquanto os alunos repetem oralmente e treinam entre si a conversação. A escrita é trabalhada separadamente, onde os professores demonstram cada *kana* no quadro, enquanto os alunos escrevem. Após cada *kana*, os professores verificam se os alunos estão com um bom desempenho. Da mesma forma, a oralidade é verificada individualmente, mas sem correção individual, para não inibir o aluno à prática.

- Áudio do livro Marugoto.

É importante para os alunos que desenvolvam a compreensão oral do japonês. Mesmo que repetindo diversas vezes os vocábulos e expressões, escutar é uma competência fundamental, e para isso, será trabalhado os áudios juntamente com as demonstrações orais dos professores.

Habilidades linguísticas trabalhadas em sala de aula

- a) **Escrita 3/5** A escrita será bem trabalhada, tanto no primeiro momento da aula, com a revisão dos *hiragana* apresentados anteriormente, quanto durante a apresentação dos novos *hiragana* com os novos vocabulários.
- b) **Leitura 4/5** A leitura será feita durante os exercícios de apresentação de novos vocabulários, onde juntamente com as listas de vocabulários, os alunos lerão nos slides.
- c) **Oralidade 5/5** Durante toda atividade de apresentação em sala de aula, os alunos serão estimulados a praticar a oralidade, seja repetindo os

novos vocabulários e expressões ou simulando diálogos com suas respectivas duplas.

- d) **Compreensão oral 5/5** Juntamente com as atividades de oralidade, os alunos escutarão as novas expressões, novos vocabulários e comandos em japonês, treinando bastante a compreensão oral. Também serão utilizados os áudios do *Marugoto*.

Grade de recursos:

Quadro-negro, slide (produção própria), lista de silabários (produção própria), lista de expressões (produção própria), exemplar e áudios do *Marugoto* e páginas do *Kananyuumon*.

Horário	Atividade	Aplicação	Objetivo	Material Utilizado
08:00	Discurso de boas-vindas da Yuko-sensei.	Discurso oral.	Dar novamente as boas-vindas pros alunos.	Nenhum
08:15	Apresentação dos alunos.	Repetido a atividade de apresentação, dessa vez dos alunos que faltaram na primeira aula.	Traçar um perfil dos novos alunos e seus interesses, para poder assim elaborar um material mais específico nas próximas aulas	Nenhum

08:30.	Revisão das expressões do cotidiano	Utilizar novamente o slide da aula passada, desta vez acrescentando o áudio do Marugoto para que os alunos repetirem. Após cada expressão, o aluno escutará o áudio apresentado e terá que responder o que está sendo apresentado.	Promover situações de uso das expressões apresentadas para familiarizar o uso do japonês no dia-a-dia. Depois de apresentadas os áudios, os alunos praticarão a conversação em dupla, desenvolvendo a conversação.	Slide (produção própria) Lista de expressões (produção própria) Áudio de Marugoto
08:45	Reapresentação dos sufixos de tratamento (san, sensei, etc)	Aula expositiva com slides utilizando imagens para exemplificar as situações onde é usado cada sufixo.	Praticar o uso de sufixos de tratamento em sala de aula, além de introduzir o alunato na gama de respeito que envolve a cultura japonesa.	Slide (produção própria)

09:00	Slide: Diferentes silabários	Apresentação em slide com aula expositiva. Alunos utilizarão a lista que receberam na aula anterior com todos os <i>hiragana</i> e <i>katakana</i> para acompanhar a explicação. Revisão do conteúdo da aula passada, acrescentado vocabulário em <i>katakana</i> .	Introduzir os alunos aos diferentes tipos de silabários, para preparar para as futuras atividades de escrita. Levar ao conhecimento dos alunos a diferença entre a pronúncia original das palavras para a conversão em <i>katakana</i> . Explicar as singularidades da língua japonesa, como por exemplo, a ausência do “JA” (sendo no japonês “JYA”).	Slide (produção própria) Lista de <i>hiragana</i> e <i>katakana</i>
09:30	Atividade de identificação de silabários	Será apresentado um slide com diversas imagens mostrando os diferentes usos	Desenvolver a competência de diferenciação entre os diferentes tipos de escrita do japonês,	Slide (produção própria)

		do <i>hiragana</i> , <i>katakana</i> , e o <i>kanji</i> , como, por exemplo, uma capa de revista, onde possui tanto o uso do <i>hiragana</i> , <i>katakana</i> e <i>kanji</i> .	reforçando a atividade anterior.	
09:45	Intervalo	-	-	-
10:00	Apresentação de expressões do cotidiano	Apresentado novas expressões, desta vez utilizando o vocabulário utilizado na página 26 do Marugoto A1 Katsudou, que serão mostradas em um slide enquanto os alunos acompanham com uma lista impressa.	Promover novas situações de uso das expressões apresentadas para familiarizar o uso do japonês no dia-a-dia. Praticar a oralidade na língua alvo, através de atividade de conversação em dupla, utilizando a lista de expressões	Slide (produção própria) Lista de expressões (produção própria)

			entregue anteriormente.	
10:30	Apresentação do livro didático <i>Kananyuumon</i>	Explicação oral de como que o material é formulado e como ele será trabalhado em sala de aula.	Apresentar novo material de referência para os alunos.	Slide (produção própria)
10:45	Apresentação do <i>Agyou</i> , <i>KAgyou</i> , <i>SAgyou</i>	Slide apresentando os <i>hiragana</i> em ordem, mostrando ordem dos traços, tipos de traços e especificidades da escrita. Enquanto mostrado no quadro, aluno acompanham a explicação escrevendo nas folhas de treino de escrita do <i>Kananyuumon</i> .	Desenvolver a competência de escrita dos primeiros <i>hiragana</i> , preparando o aluno para as futuras atividades de vocabulário.	Slide (produção própria) Folha quadriculada Folha do <i>Kananyuumon</i>
11:30	Atividade de vocabulário do <i>Kananyuumon</i>	Slide apresentando as palavras e imagens dos	Mostrar para os alunos a gama de vocabulários que eles já	Slide (produção própria)

		vocabulários que utilizam do <i>Agyou</i> , <i>SAgyou</i> e <i>KAgyou</i> . Alunos repetem a pronúncia das palavras e escrevem na folha utilizando a lista de silabários entregue anteriormente.	podem escrever com os silabários aprendidos em sala de aula. Praticar a parte fonética do japonês, além de praticar oralidade na língua alvo, através de atividades de conversação em dupla.	Lista de expressões do <i>Kananyuumon</i> Folha quadriculada
11:50.	Atividade para casa	Entregue atividade impressa da escrita que deverá ser entregue na próxima aula.	Estimular os alunos a praticarem a escrita na língua alvo mesmo estando fora de sala de aula.	Exercícios da Lição 1 do <i>Kananyuumon</i> .

RELATÓRIO (AULA DO DIA)

Chegamos em sala de aula perto das 7:30 para terminarmos de recortar e arrumar todo o material impresso e verificar se tudo estava certo no notebook do Haruhi para usar o áudio. Às 8:00 novamente tinha pouquíssimos alunos, portanto esperamos por volta de 10 minutos para ver se mais alunos chegavam para darmos início a aula. Às 8:10 demos início a aula, começando novamente com a ementa do curso, ressaltando a quantidade de faltas que eles poderiam ter. Enquanto fazíamos a apresentação da ementa 2 alunos novos chegaram. Pedimos então como atividade “agrupadora” para que todos da turma se

apresentassem novamente em português. Novamente o XXXXX começou a apresentação falando nome, idade e se era ou não da UnB. Entregamos então meia folha de papel com o nome escrito em *katakana* e *romaji* de cada um, para que pudessem ver seus nomes e comparar com aquilo que fizeram na aula passada. Tiramos algumas dúvidas com relação aos nomes de alguns e já fizemos alguns comentários com relação à cultura japonesa dos nomes estrangeiros. Nesse ponto o Haruhi fez uso do slide da aula anterior com as expressões para fazer uma revisão com os alunos, muitos deles trouxeram as folhas entregues na aula passada e portanto não tiveram dificuldade. Haruhi fez com que todos repetissem várias vezes as frases para fixação. Usamos também o áudio do *Marugoto* para que os alunos tivessem um contato com esse material com um vocabulário que já haviam adquirido. Antes e durante a aula nós já usávamos essas expressões com os alunos. Juntamente com a revisão de expressões houve a revisão da auto-apresentação na língua-alvo em slides, para não se prender muito tempo a isso, fizemos apenas com que repetissem as expressões. Pretendemos fazer uma revisão desse parte novamente na próxima aula com a devida auto-apresentação na língua-alvo de cada um. Fizemos então uma re-apresentação dos sufixos de tratamento pelo XXXXX com um conjunto de slides, trazendo novamente os usos dos sufixos *Chan*, *Kun*, *San*, *Sama* e *Sensei*. Fazendo uma associação entre imagens e sufixos, onde cada slide trazia uma imagem, um nome de pessoa e o sufixo correspondente. Durante essa atividade acabamos por tendo uma mini-explicação sobre a hierarquia política japonesa. Onde trouxemos aquilo que sabíamos sobre essa parte. Mais especificamente do poder político do Imperador e do 1º Ministro Japonês. Também pretendemos fazer uma revisão dessa parte, usando os slides novamente, entretanto sem os sufixos pré-estabelecidos pelos professores para ver se o conteúdo foi fixado. Por percebermos que o conteúdo com relação aos diferentes tipos de silabários que o Japão tem não ter sido compreendido por todos da turma decidimos re-apresentá-lo em slides, dessa vez fazendo um acréscimo com a explicação sobre prolongamento de vogais e vocabulário em *katakana*. O Haruhi fez com que todos repetissem todos os vocabulários propostos e depois fizemos um pequeno quiz perguntando para alguns alunos quais silabários eram usados para o quê. Após essa explicação trouxemos uma atividade de identificação dos silabários com o XXXXX trazendo diversas imagens em slides que continham 2 silabários diferentes em uma mesma frase. Fazendo assim com que todos tentassem em grupo identificar qual era o silabário usado. Houve uma certa dificuldade do grupo em identificar todos os silabários, principalmente quando foi mostrado a frase com apenas *Kanji* e *Romaji*. Também pretendemos trazer essa atividade novamente na próxima aula para revisão desse conteúdo. Entretanto usaremos imagens diferentes. Enquanto essa atividade era feita, XXXXX trouxe material em Japonês (revistas, mangás e panfletos) para que os alunos pudessem ter um contato físico com esse tipo de objeto e escrita. Os alunos mostraram bastante interesse. Fizemos então um intervalo de 15 minutos por volta das 9:30. Durante o Intervalo os alunos conversaram conosco sobre cultura pop (especificamente sobre a *Shounen Jump*). Após o intervalo fizemos então a apresentação das novas expressões que usaríamos com os alunos em sala de aula. Utilizando principalmente o vocabulário e áudio do *Marugoto*. Egon fez com que todos os alunos repetissem em voz alta todos os comandos várias vezes. Juntamente com o slide e o

material impresso em mãos os alunos conseguiram identificar e teoricamente assimilar bem cada comando. Pretendemos começar a utilizar esse vocabulário na próxima aula após uma breve revisão. Durante a apresentação das novas expressões tivemos a educada interrupção da XXXXXSensei para fazer o discurso de boas vindas dos alunos e para fazer a supervisão da 2ª metade da aula ministrada por nós. Os alunos se mostraram interessados principalmente por conseguir entender o que ela falou para eles em japonês. Egon então fez a apresentação breve do material que iremos utilizar para trabalhar o *Hiragana* em sala de aula. No caso o material é *Kananyuumon*.

Por também percebemos a falha em conseguir transpor as regras para a escrita e da ordem dos traços, XXXXX re-apresentou o slide da aula passada. Agora tendo as atividades seguintes para trazer essas regras mais pontualmente. XXXXX percebeu que ensinou uma das regras incorretamente e corrigiu durante a atividade seguinte. Fizemos então o real início do ensino do *Hiragana* para os alunos. Começando com *Agyou*. O XXXXX começou o ensino usando de slides com *gif* mostrando a ordem de cada *hiragana* e descrevendo como cada traço precisava ser feito, repetindo no quadro diversas vezes. Após cada *hiragana* ensinado, os alunos escreviam em folha provida por nós do *Kananyuumon* diversas vezes o *kana* enquanto nós íamos de mesa em mesa tirando dúvidas e apontando certas correções que eles podiam fazer nos traços para um melhor entendimento. Percebemos que por utilizar os *Gifs* de um certo site, os *kanas* estavam estilizados demais, trazendo assim uma certa dúvida em alguns traços para os alunos. Entretanto fizemos uso disso para mostrar que a estilística pode trazer diferenciação. O Haruhi fez a apresentação do *KAgyou* utilizando do mesmo modelo. Entretanto tivemos uma certa surpresa quando um aluno apontou que a ordem do traço no *kana* “か” estava diferente entre o GIF utilizado por nós e do material impresso do *Kananyuumon*. Por fim, o XXXXX fez a apresentação do *SAgyou* utilizando do mesmo modelo. Após cada *gyou* trazido, nós perguntávamos qual *kana* eles tiveram mais dificuldade para escrever e retornávamos a ele no quadro para tirar quaisquer dúvidas e fazer com que os alunos repetissem mais algumas vezes. Fizemos então a apresentação do vocabulário da lição 1 do *Kananyuumon* em slides e em folha impressa, utilizando do *Agyou*, *KAgyou* e *SAgyou*. Haruhi mostrou as imagens em slides e pedia para que reproduzissem a pronúncia de cada vocabulário, perguntando antes o que cada imagem parecia ser. Entregamos então a folha de atividade para casa e projetamos ela no quadro para poder explicar o que era para ser feito em cada atividade. Ressaltamos o fato de que não haveria aula nas próximas 2 semanas, portanto pedimos para que os alunos treinassem o *hiragana*, visto em sala, em casa. Deixamos então um momento para que os alunos tirassem quaisquer dúvidas que tivessem sobre a aula e sobre qualquer assunto. Tentamos no final fazer a apresentação do vídeo do Momotarou, entretanto por problemas técnicos imprevistos não foi possível. Deixamos para a próxima aula.

APRECIÇÃO INDIVIDUAL

XXXXX: Sendo o segundo dia de aula e tendo me preparado bem mais para a aula, me senti bem mais confiante com relação aos conteúdos que nós apresentamos durante a aula. Durante a segunda metade da aula tivemos a nossa coordenadora em sala de aula para nos observar. Como era a primeira vez que tínhamos ela em sala de aula, acabei dando atenção demais para uma pessoa que supostamente não está lá, entretanto sempre que o fazia, prestava atenção para que a atenção da turma estivesse voltada para o professor Haruhi.

Haruhi: Diferente da primeira aula, desta vez eu estava muito mais confiante. Percebi que não fiquei muito satisfeito com o andamento da primeira aula, devida a ausência de conteúdo programado. Para evitar que isto se repetisse, XXXXX e eu preparamos muito conteúdo desta vez, e desta vez a aula foi preenchida corretamente. Minha postura como professor não teve muita alteração, a diferença é que desta vez já conhecia e lembrava dos rostos dos alunos. Nesta aula percebi que os alunos estavam mais soltos, por isso consegui arrancar algumas risadas. Mesmo sendo algo trabalhoso, acho que estou começando a entender os prazeres de lecionar. É muito interessante como algo que é óbvio na minha cabeça, é um conteúdo completamente novo pros alunos. Para a aula de escrita, tive que revisar novamente as regras de escrita, e ensaiar algumas vezes o que ai falar em determinado momento. Confesso que é bem mais complicado do que preparar um seminário.

APRECIÇÃO DA EQUIPE

XXXXX: O professor Haruhi apresentou uma melhora substancial em relação a primeira aula, desde o inicio da aula se portando como um professor, não demonstrando mais inibição. Com seu grande conhecimento e principalmente por já ter uma pratica real com a língua, em diversos momentos ele podê adicionar certos inputs extras durante a aula, sempre trazendo algo extra para algumas das atividades que nós preparamos.

Haruhi: O professor XXXXX manteve a sua boa postura em sala de aula. Creio que os meses em que lecionou no Wizard ajudaram bastante na construção desta postura, então realmente não tenho nada a reclamar quanto a isso. Devido a presença da orientadora Yuko, houve alguns momentos onde ele estava meio tenso, mas acho que não deixou transparecer em seu conteúdo. Durante a preparação da aula, continuou ajudando na confecção do material e na elaboração de novas ideias.

**ANEXO III - ANÁLISE DOCUMENTAL (PLANOS DE AULA/RELATÓRIOS)
HARUHI**

**FORMULÁRIOS DE PLANO DE AULA
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO JAPONÊS 2**

Aluno estagiário: XXXXX e Haruhi

Matrícula: XX/XXXXXXXX e XX/XXXXXXXX

Professora supervisora: XXXXX

QUADRO REFERENCIAL	
Instituição: Universidade de Brasília	Departamento: Línguas Estrangeiras e Trad.
Data: 22/04/17	Horário: 08:00 às 12:00
Disciplina: Japonês	Nível: Básico 1
Faixa Etária: 19 à 60 anos	Professor(a): Haruhi e XXXXX
Número de alunos: 7	Unidade:
Gênero: Masculino e feminino	
<p align="center">Objetivos da aprendizagem</p> <p>Revisar a competência da auto-apresentação e estimular a prática oral dos alunos; Promover diversas situações onde serão utilizadas as expressões aprendidas; Apresentação de novos vocabulários do cotidiano do aluno, para que possam cada vez mais sentir a imersão no novo idioma; Demonstrar exemplos de formalidade da língua japonesa, para que internalizem esta importante característica da cultura japonesa; Desenvolver a competência de escrita dos</p>	

hiragana, preparando o aluno para as futuras atividades de vocabulário; Desenvolver a competência de expressão de numerais na língua alvo, preparando os alunos para futuras atividades que envolverão numerais; Estimular os alunos a praticarem a escrita na língua alvo mesmo estando fora de sala de aula.

Objetivos – Conteúdos

Verificar se os alunos conseguiram trabalhar corretamente com o dever de casa; Reforçar e praticar a escrita do Agyou, KAgyou e SAgyou, buscando verificar com cada aluno se eles estão obedecendo as ordens dos traços, regras de escrita e espaçamento; apresentar novos hiragana (TAgyou, NAgyou e HAgyou) e juntamente os novos vocabulários que eles já podem escrever; Expandir o inventário de vocabulário dos alunos; Desenvolver e praticar a oralidade com novas atividades de conversação.

Vocabulários:

Numerais; ブラジル・ポルトガルご・ラジル人・にほん・にほんご・にほんじん・ポルトガル・ポルトガルご・ポルトガル人・アメリカ・えいご・アメリカ人・ちゅうごく・ちゅうごくご・ちゅうごく人・ドイツ・ドイツご・ドイツ人・メキシコ・スペインご・メキシコ人・アルゼンチン・スペインご・アルゼンチン人・オーストラリア・えいご・オーストラリア人・きょうし・がくせい・しゅふ・エンジニア・こうむいん・かいしゃいん・いしゃ・しんぶんきしゃ・りょうしん・ちち・おとうさん・はは・おかあさん・あに・おにいさん・あね・おねえさん・おとうと・おとうとさん・いもうと・いもうとさん・そふぼ・おじいさん・そふ・おじいさん・そぼ・おばあさん・おじ・おじさん・おば・おばさ

ん・おっと・だんなさん・つま・おくさん・いところ・いところさん・むすこ・むすこさん・むすめ・むすめさん・まご・おまごさん・ひとり・ろくにん・ふたり・ななにん・さんにん・はちにん・よんにん・きゅうにん・ごにん・じゅうにん。

Expressões/Estruturas:

はじめまして、わたしは_____です。・・・あのう、おなまえは？・・・_____です。・・・_____さんですね。どうぞよろしく。・・・どうぞよろしく。・・・どちらから？・・・_____です。・・・そうですか。・・・_____ごできますか？・・・はいできます。・・・はい、すこできます。・・・べんきょうちゅうです。・・・いいえ、できません。・・・おしごとは？・・・わたしは_____です。・・・わたしなかぞくは_____です。・・・_____と_____と_____とわたしです。

Métodos Utilizados:

- Abordagem Natural/Comunicativo:

Devido livro base deste curso ser o *Marugoto*, o material trabalho será sem foco nas regras gramaticais, e sim, a prática da oralidade com base em competências, onde o aluno, ao término de cada lição, adquirirá um novo *can-do* (uma nova competência).

Técnicas Utilizadas:

- Repetição (escrita e oral); aula expositiva.

A aula é baseada em slides de produção própria com apresentação de novos vocabulários e expressões, enquanto os alunos repetem oralmente e treinam entre si a conversação. A escrita é trabalhada separadamente, onde os

professores demonstram cada *kana* no quadro, enquanto os alunos escrevem. Após cada *kana*, os professores verificam se os alunos estão com um bom desempenho. Da mesma forma, a oralidade é verificada individualmente, mas sem correção individual, para não inibir o aluno à prática.

Habilidades linguísticas trabalhadas em sala de aula

- a) **Escrita 4/5** A escrita será bem trabalhada, tanto no primeiro momento da aula, com a revisão dos *hiragana* apresentados anteriormente, quanto durante a apresentação dos novos *hiragana* com os novos vocabulários.
- b) **Leitura 3/5** A leitura será feita durante os exercícios de apresentação de novos vocabulários, onde juntamente com a listas de vocabulários, os alunos lerão nos slides.
- c) **Oralidade 5/5** Durante toda atividade de apresentação em sala de aula, os alunos serão estimulados a praticar a oralidade, seja repetindo os novos vocabulários e expressões ou simulando diálogos com suas respectivas duplas.
- d) **Compreensão oral 5/5** Juntamente com as atividades de oralidade, os alunos escutarão as novas expressões, novos vocabulários e comandos em japonês, treinando bastante a compreensão oral.

Grade de recursos:

Quadro-negro, slide (produção própria), lista de silabários, lista de expressões (produção própria), exemplar do *Marugoto* e páginas do *Kananyuumon*.

Horário	Atividade	Aplicação	Objetivo	Material Utilizado

08:00	Recolher dever de casa e retirar dúvidas.	Na aula 2 os alunos receberam a atividade da Lição 1 do <i>Kananyuumon</i> . Este momento será para tirar as dúvidas individualmente de cada aluno sobre a escrita do <i>Agyou</i> , <i>KAgyou</i> e <i>SAgyou</i> . Cada professor terá um breve momento para olhar o dever de casa com cada aluno e responder as suas dúvidas.	Tirar a dúvida dos alunos e verificar se eles conseguiram trabalhar corretamente com o material.	Dever de casa da Lição 1 do <i>Kananyuumon</i> .
08:15	Revisão dos primeiros silabários.	Reutilizando o slide da aula 2, será feito uma apresentação em slide com as imagens e ordem dos traços dos <i>hiragana</i> do <i>Agyou</i> , <i>KAgyou</i> e <i>SAgyou</i> .	Reforçar e praticar a escrita do <i>Agyou</i> , <i>KAgyou</i> e <i>SAgyou</i> , buscando verificar com cada aluno se eles estão obedecendo as ordens dos	Slide (produção própria), folha quadriculada

		Enquanto apresentado cada hiragana, os alunos terão um tempo para escreverem em uma folha quadriculada que será entregue pelos professores.	traços, regras de escrita e espaçamento.	
08:30	Revisão de auto-apresentação e Atividade de conversação do <i>Marugoto Katsudou</i> A1 pag.32	Será apresentado o slide com as expressões de auto-apresentação e os alunos irão repetir (em grupo) as expressões após o comando dos professores. Após revisado as expressões, será mostrado em slide o modelo da conversação da pag.32 do <i>Marugoto Katsudou</i> A1. Os alunos serão apresentados ao formato do	Auto-apresentação é uma das competências mais fundamental da língua japonesa, é importante que o aluno consiga lembrar dessas expressões, por isso será revisado novamente e acrescentado uma atividade, para promover uma situação onde serão utilizadas as	Slide (produção própria)

		diálogo, e após praticarem em grupo repetindo após o professor, formarão duplas para repetirem o diálogo.	expressões aprendidas.	
08:45	Novos vocabulários e expressões: País, idioma e nacionalidade.	Primeiramente, será entregue uma lista de vocabulários aos alunos, após eles lerem brevemente, será apresentado um slide utilizando todos os vocabulários listados. Após cada palavra nova, os alunos repetirão em voz alta com os professores. Após apresentação das palavras, será feito uma atividade onde os alunos terão que identificar a nacionalidade e	Novamente focando na construção da identidade do aluno, é fundamental apresentar vocabulários de seu cotidiano, por isso apresentaremos vocabulários que envolvem seu país e idioma, para que também possam acrescentar essas informações na auto-apresentação.	Lista de vocabulário (produção própria), Slide (produção própria)

		idioma de cada personagem.		
09:00	Novos vocabulários e expressões: Profissão.	Primeiramente, será entregue uma lista de vocabulários aos alunos, após eles lerem brevemente, será apresentado um slide utilizando todos os vocabulários listados. Após cada palavra nova, os alunos repetirão em voz alta com os professores. Após apresentação das palavras, será feito uma atividade onde os alunos terão que identificar profissão de cada personagem.	Seguindo a mesma linha de pensamento da atividade anterior, a profissão é algo muito frequente no cotidiano dos alunos, por isso será apresentado para que eles aumentem seu inventário de vocábulos e possam também incrementar seu discurso de auto-apresentação.	Lista de vocabulário (produção própria), Slide (produção própria)
09:30	Atividade de conversação da pag. 33 e 34 do	Será entregue uma lista de expressões	É fundamental que além de apresentarmos	Lista de expressões (produção

	<i>Marugoto Katsudou A1</i>	utilizadas nesta conversação e juntamente com slide será praticado em voz alta, todos em conjunto. Após a explicação das expressões, os alunos formarão duplas e treinarão algumas vezes.	os novos vocabulários, expliquemos também aos alunos como que eles irão utilizá-los em uma conversação, por isso que temos como objetivo nesta atividade a prática oral.	própria), Slide (produção própria)
09:45	Atividade cultural: entrega de cartão	Será apresentado um slide explicando como que é feita a entrega do cartão em um ambiente formal no Japão. Após a explicação, os professores farão uma breve demonstração.	É importante que os alunos percebam os níveis de formalidade que cercam a língua japonesa, para isso planejamos trabalhar com este tópico que aparece na Lição 2 do <i>Marugoto Katsudou A1</i> .	Slide (produção própria)
10:00	Intervalo	-	-	-
10:15	Apresentação do <i>TAgyou</i> , <i>NAgyou</i> , <i>HAgyou</i>	Slide apresentando os <i>hiragana</i> em ordem, mostrando	Desenvolver a competência de escrita dos <i>hiragana</i> , preparando o	Slide (produção própria), folha quadriculada e lista com silabários do

		<p>ordem dos traços, tipos de traços e especificidades da escrita.</p> <p>Enquanto mostrado no quadro, aluno acompanham a explicação escrevendo nas folhas de treino de escrita do <i>Kananyuumon</i>.</p>	aluno para as futuras atividades de vocabulário.	<p><i>Kananyuumon</i></p> <p>Lição 2.</p>
11:00	Apresentação de numerais e regras.	<p>Slide apresentado as regras para escrita e fala dos numerais em japonês.</p> <p>Juntamente com os slides, os alunos receberão uma lista com essas regras e números. Os alunos repetirão oralmente os números após os professores.</p>	Desenvolver a competência de expressão de numerais na língua alvo, preparando os alunos para futuras atividades que envolverão numerais.	Slide (produção própria), Lista de numerais (produção própria)

11:30.	Novos vocabulários: Família.	Primeiramente, será entregue uma lista de vocabulários aos alunos, após eles lerem brevemente, será apresentado um slide utilizando todos os vocabulários listados. Após cada palavra nova, os alunos repetirão em voz alta com os professores. Após apresentação das palavras, será feito uma atividade onde os alunos terão que formular algumas frases utilizando o vocabulário aprendido.	Apresentar novos vocabulários e praticar a oralidade na língua alvo e demonstrar aos alunos como que cada vez mais eles estão conseguindo falar sobre si mesmos na língua alvo.	Slide (produção própria), Lista de expressões (produção própria)
11:50.	Atividade para casa e explicação	Os alunos receberão a atividade impressa, e enquanto	Estimular os alunos a praticarem a escrita na língua alvo mesmo	Exercícios da Lição 2 do <i>Kananyuumon</i> .

		mostrada no quadro, os professores explicarão como que deverá ser feito.	estando fora de sala de aula.	
--	--	--	-------------------------------	--

RELATÓRIO (AULA DO DIA)

Haruhi chegou em sala de aula perto das 7:20 para fazer a preparação da sala de aula para os alunos, entretanto ao chegar deparou-se com dois outros alunos já em sala de aula. Até começar o período da aula os alunos conversaram com o professor sobre materiais didáticos disponíveis no Brasil. Ao chegar, Haruhi se juntou a conversa enquanto preparava o notebook para a aula. Quando deu o horário da aula havia apenas 5 alunos em sala, como nas últimas aulas, nós tínhamos por volta de 8 alunos e nenhum havia entrado em contato avisando que não poderia ir para a aula nós decidimos esperar mais 5 minutos para ver se mais algum aluno chegava. Nesse período mais 2 alunos chegaram. Enquanto isso um de nós preparou os materiais para entregar para a aula e o outro passou recolhendo os deveres de casa dos alunos. Após entregarem o dever de casa para o Haruhi, o XXXXX começou a revisar o Agyou KAgyou e SAgyou no quadro com a ajuda dos slides da última aula, os alunos mostraram hesitação em alguns dos *hiragana* mas em geral foram bem. Portanto o XXXXX aplicou um mini teste oral, onde em cada slide havia apenas um *hiragana* sem a leitura dele em *romaji* e os alunos, um por um, precisavam ler ele sem olhar para suas *kanatable* inicialmente. Os alunos se saíram surpreendentemente bem na atividade. Depois dessa atividade e após corrigir os deveres de casa dos alunos o Haruhi foi para o quadro reforçar a escrita dos *hiragana* que os alunos haviam apresentado dificuldade na hora de escrever no dever de casa. Os alunos aproveitaram essa oportunidade para treinar mais algumas vezes na folha os *hiragana* que estavam com dificuldade. Fizemos então uma revisão das expressões de auto apresentação (*Jikoshoukai*), reforçando as expressões apresentadas nas aulas anteriores. Aplicamos então o exercício de conversação da página 32 do *Marugoto Katsudou AI*, onde primeiramente nós fizemos uma apresentação de como era a conversa, depois fizemos os alunos repetirem as expressões com o professor e depois eles formaram duplas para treinarem com seus colegas a conversação. Como a quantidade de alunos na aula nesse momento estava ímpar, os professores se revezaram para fazer dupla com um dos alunos para fazer essa conversação. Enquanto isso o outro professor passou verificando a pronúncia de cada aluno sem corrigir. Os alunos tiveram um resultado satisfatório, não precisando fazer nenhuma correção em grupo das pronúncias. Depois fizemos uma apresentação de novos vocábulos, ensinando com a ajuda de slides os Países

e a forma como GO e JIN são usados para expressar idioma e nacionalidade respectivamente. Após cada vocábulo ensinado pelo professor, os alunos repetiam em voz alta. Ao final da atividade foi aplicado uma pequena atividade de conversação da pagina 33 do *Marugoto Katsudou A1*, onde novamente os alunos formaram duplas e treinaram o diálogo, assim como na atividade anterior. Entretanto nessa atividade nós precisamos fazer uma pequena correção com os alunos após a atividade pois eles ainda estavam confundindo um pouco a diferença entre GO e JIN. Após isso fizemos a segunda apresentação de novos vocábulos da aula, nessa atividade ensinando as profissões. Após a apresentação dos vocábulos exatamente como a atividade anterior, foi-se feito um exercício de fixação da sentença “*Watashiwa profissão Desu*”, onde cada aluno tinha que responder qual era a profissão de cada personagem apresentado nos slides. Por fim foi aplicado o exercício de conversação da pagina 34 do *Marugoto Katsudou A1*. Por ser por volta das 10:30 decidimos fazer o intervalo de quinze minutos com os alunos. Quando todos os alunos voltaram para a sala fizemos uma apresentação de uma atividade cultural sugerida pelo *Marugoto Katsudou A1*, onde o XXXXX fez uma explicação sobre a formalidade na entrega de cartões pessoais em ambiente profissional. Foi feito uma demonstração com ambos os professores atuando como se estivessem fazendo a troca de cartões e após isso foi apresentado um slide com as regras explicando sobre a preparação do cartão e a cerimônia que deve ser feito ao entregar e receber os cartões, juntamente com as regras hierárquicas que precisam ser obedecidas. Nesse momento decidimos entrar na atividade dos novos *hiragana* da semana, sendo essa semana o TAgyou, NAgyou e HAgyou, assim como na 2ª Aula foi passado slides com gif de cada *hiragana*, juntamente com uma explicação de cada um deles. Após cada explicação os professores passavam de mesa em mesa para verificar como os alunos se saíam ao escrever os novos *kana*. Ao terminar cada gyo os professores perguntavam qual dos *hiragana* que eles haviam tido mais dificuldade para escrever, dando assim mais tempo para treinarem com a nossa supervisão. Ao terminarmos essa atividade entregamos o dever de casa para a próxima aula e explicamos como deveria ser feito. Devido à grande quantidade de conteúdo criado para a aula e a quantidade de tempo necessário para fazer as atividades apresentadas no dia, a explicação de alguns dos *hiragana* foi encurtada, e por isso foi decidido que trabalharíamos novamente com eles na próxima aula. Além disso, de acordo com o plano de ensino, ainda haveriam mais três atividades/apresentações. Mesmo com essas atividades não sendo trabalhadas, não foi possível completar todas as atividades de apresentação. Entretanto todas as outras que foram trabalhadas em aula foram satisfatoriamente bem trabalhadas. Não consideramos que houve desperdício de tempo em alguma atividade. Houveram momentos em que os alunos tiveram dúvidas e curiosidades, algo que nos deixou bastante contentes por ver que os alunos estão começando a demonstrar real interesse em aprender a língua e ir atrás de novos conhecimentos.

APRECIÇÃO INDIVIDUAL

XXXXX: Por ser o terceiro dia de aula já havia começado a se tornar rotina as aulas, portanto acabamos fazendo material demais para a aula. A semana inteira ficamos debatendo sobre materiais que podíamos utilizar, áudios do livro que podíamos trazer para trazer mais compreensão auditiva para que os alunos pudessem treinar mais o ouvido. Ao perceber que havia feito material demais para a aula, na metade da aula conversei com o Haruhi para que víssemos qual material podíamos deixar para a próxima aula. Fiquei realmente animado pelo fato dos alunos estarem começando a se soltar mais nas aulas e tirando dúvidas e trazendo curiosidades por conta própria.

Haruhi: Admito que mesmo muito otimista com toda a dinâmica da atividade, as primeiras duas semanas foram complicadas. Pela primeira vez em muito tempo, tive que acordar sábado de manhã, e isto estava sendo bem penoso. Por ser a terceira semana, não deixou de ser difícil, mas acho que estou sofrendo bem menos para levantar da cama. Assim como nas últimas duas aulas todo o conteúdo estava bem fresco na cabeça, e por isso toda a explicação e desenvoltura em sala de aula estava bem tranquilo. Fiquei muito satisfeito com o desenvolvimento dos alunos, todas as dúvidas foram devidamente sanadas e fiquei feliz em poder dividir minhas experiências com eles.

APRECIÇÃO DA EQUIPE

XXXXX: O professor Haruhi não apresentou grandes mudanças da última aula, sempre trazendo informações de 1ª mão por ter vivenciado algumas coisas no Japão.

HARUHI: Assim como nas últimas duas semanas, XXXX continuou contribuindo positivamente para o desenvolvimento da aula, seja com sua performance durante as explicações, ou agregando novas ideias.